

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Estudos Literários

MARIÂNGELA DO NASCIMENTO SANT'ANA DA COSTA

*Machado de Assis em Penápolis: percepção dos leitores sobre a  
leitura das obras do escritor*

Três Lagoas  
2006

MARIÂNGELA DO NASCIMENTO SANT'ANA DA COSTA

**Machado de Assis em Penápolis: percepção dos  
leitores sobre a leitura das obras do escritor**

Dissertação de mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras - Estudos Literários, como  
requisito parcial para obtenção do  
título de mestre em Letras: Estudos  
Literários.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de  
Sales.

Curso de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários CPTL/UFMS

## **Banca Examinadora**

---

**( Presidente )**

---

**(1º Examinador (a))**

---

**(2º Examinador (a))**

Três Lagoas

2006

Dedico este trabalho ao meu marido Paulo Henrique que sempre acreditou no meu potencial e tanto me incentivou para o início desta caminhada. Nos momentos mais difíceis nos quais me faltavam forças para continuar o estudo foi o seu abraço que me confortou.

## *Agradecimentos Especiais*

Ao chegar ao final de uma caminhada e ver o sonho realizado, seria injusto não compartilhar essa alegria com aqueles que contribuíram de forma significativa para a realização dessa conquista.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/CPTL pelo apoio e incentivo à pesquisa;

Ao orientador Prof. Dr. José Batista de Sales pela dedicação e carinho;

Aos professores Belon, Sheila e Eliana pelas significativas sugestões no Exame de Qualificação.

À Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo por ter investido no conhecimento científico de seus professores;

Aos meus colegas e professores do Curso de Mestrado que compartilharam comigo cada passo dessa conquista;

Aos meus pais Paulo e Marlene pelo amor incondicional, esse sentimento que enfrenta todas as barreiras;

Aos meus irmãos André Luiz, Paulo Henrique e Eliane Cristina que não mediram esforços para me auxiliar na conclusão deste trabalho;

A todos aqueles que de uma forma indireta contribuíram e torceram para que este trabalho fosse concluído;

A Deus, a esse ser supremo, que pela sabedoria que lhe é próprio, soube prover o que eu precisava.

*...Valeu a pena?*

*Tudo vale a pena*

*Se a alma não é pequena.*

*Quem quer passar além do Bojador*

*Tem que passar além da dor.*

*Deus ao mar o perigo e o abismo deu,*

*Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa

## RESUMO

COSTA, Mariângela do Nascimento Sant`Ana da Costa. *Machado de Assis em Penápolis: percepção dos leitores sobre a leitura das obras do escritor*. 2006. 121 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMS, Três Lagoas.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada nas bibliotecas públicas e particulares da cidade de Penápolis, Estado de São Paulo. Segundo os conceitos teóricos enfatizados pela estética da recepção de Jauss e a teoria do leitor implícito de Iser, a leitura estaria submetida ao efeito e recepção de uma obra. Mediante nova abordagem conceitual, propomo-nos nesse estudo analisar a percepção dos leitores formais (alunos das unidades escolares) e informais (indivíduos que não estão frequentando as escolas, mas possuem uma biblioteca domiciliar do autor) sobre a leitura das obras do escritor Joaquim Maria Machado de Assis. Objetivamos, portanto, analisar, por meio da percepção dos leitores formais, as estratégias de ensino do professor e observar, sobretudo, se as práticas metodológicas utilizadas em sala de aula como instrumentos de aprendizagem têm conferido à leitura um papel mais interativo. E procuramos ainda como a biblioteca, enquanto espaço de leitura, contribui com o processo de formação do leitor.

Palavras-chave: literatura; leitura; ensino; estética da recepção; biblioteca

## ABSTRACT

COSTA, Mariângela do Nascimento Sant'Ana da Costa. *Machado de Assis em Penápolis: percepção dos leitores sobre a leitura das obras do escritor*. 2006. 121 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMS, Três Lagoas.

This paper is a result of a local research that was done in public and private libraries in the town of Penápolis, in São Paulo State. According to the theoretical concepts emphasized by the aesthetics of reception by Jaus and the theory of the implicit reader by Iser, the reading would be submitted to the effect and reception of a work. Before the new conceptual approach, we propose in this study to analyse the perception of the formal readers (students in school units) and informal (individuals who are not attending school, but have a home library of the author) about the reading of Joaquim Maria Machado de Assis works. We aim, therefore, to analyse, through the formal readers' perception, the teachers' teaching strategy and observe, overcoat, if the methodological practices used in class as a way of learning have become reading a paper more interactive. And we have tried to show how the library, as a reading space, has helped with the formation process of the reader.

Key-words: literature; reading; teaching; aesthetics of reception; library

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CONSTRUÇÃO DO OBJETO LITERÁRIO	10
1. – Pressupostos Teóricos	10
1.1. – Estética da Recepção: uma visão pragmática da leitura	13
1.2. – Pressupostos Metodológicos	16
1.2.1. – Leitor Formal	17
1.2.2. – Leitor Informal	19
1.2.3. – Biblioteca	20
CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: LEITOR FORMAL - INFORMAL	22
1. – Primeiros contatos com o leitor	22
2. – Analisando a leitura	23
2.1. – Texto e leitor: um ato de interação	25
2.2. – Estratégias de ensino	29
3. – Percepção dos leitores sobre o conceito de literatura	30
CAPÍTULO II - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: BIBLIOTECA	31
1. – Reconhecendo o acervo das unidades	31
2. – Auxiliar de biblioteca	35
3. – Usuário	37
CAPÍTULO III - DIALOGANDO COM OS RESULTADOS	38
1. – Análise do Questionário – Leitor Formal - Informal	38
1.1. – Leitura: uma atividade com várias facetas	38
1.2. – Sala de aula: leitura emancipatória ou reprodutiva?	49
1.3. – Função humanizadora da literatura	54
2. – Análise do Questionário – Biblioteca	57
2.1. – Composição do acervo: um ato de compromisso com o leitor	57
2.2. – Detalhes que fazem o diferencial	61
2.3. – Redimensionando a função da biblioteca	63

CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
OBRAS CONSULTADAS	72
ANEXOS	74

*Senhor,*

*Vós que tantas coisas nos têm dado,*

*Dai-nos algo mais: um coração agradecido*

## Introdução: Construção do Objeto Literário

### 1. - Pressupostos Teóricos

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto *objeto* jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem (SARTRE: 2004, p. 37).

Ao perpassar o olhar sobre a figura do leitor ao longo da história da literatura, visualizamo-lo como tênue névoa colocado às margens dos estudos literários. Quando se ouvia algum rumor sobre o seu papel, restringia-se a assumir um dos elementos do texto literário.

No ato da leitura, visualizada sob a abordagem tradicional, caberia ao leitor decifrar unicamente o código estabelecido no texto, ater-se à estrutura imanente da obra, ocultando qualquer subjetividade do receptor.

Os movimentos tradicionais como o *new criticism*, o estruturalismo, entre outros que compartilharam os mesmos ideais da teoria imanentista, afirmavam a necessidade de se ater o olhar ao trânsito autor/obra e o leitor, enquanto indivíduo social, que traz consigo para a obra seus valores, suas experiências, não mereceria a credibilidade e atenção.

Por volta de 1970, estudiosos do texto literário se interessam pela leitura e “a obra literária que, até então, era entendida na sua relação com uma época, uma

vida, ou uma escrita é repentinamente considerada em relação àquele que, em última instância, lhe fornece sua existência: o leitor” (JOUVE: 2002, p. 11). Abandonando a função de intérprete da obra, o leitor passa a exercer o papel de co-artífice, o colaborador que constrói junto com o autor os rumos da narrativa.

Traçando os primeiros passos em direção a um novo enfoque no campo da leitura, destacam-se dois importantes teóricos, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que transferindo o foco de atenção do trânsito autor/texto para o texto/leitor, redirecionam o percurso da teoria literária.

Segundo Vincent Jouve (2002, p. 14), a abordagem alemã definiu seu singular momento em dois pontos distintos: a estética da recepção, de Hans Robert Jauss, e a teoria do leitor implícito, de Wolfgang Iser. A estética da recepção enfatizando que a obra só sobrevive através de um público, estaria submetida à dimensão histórica da recepção, e o princípio de Iser que afirma ser o leitor um pressuposto do texto. A escola alemã centraliza, portanto, seus estudos em dois pólos: “por um lado como uma obra organiza e dirige a leitura, e, por outro, o modo como o indivíduo-leitor reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto”.

Conforme Wolfgang Iser (1999, p. 9), o processo da leitura se estabelece por meio de uma interação dinâmica entre o texto e o leitor, ou seja, “o repertório e as estratégias textuais se limitam a esboçar e pré-estruturar o potencial do texto; caberá ao leitor atualizá-lo para construir o objeto literário”.

Longe de ser um objeto pronto, auto-sustentável, como postulavam as teorias estruturalistas, a obra, sob novo enfoque abordado pela estética da recepção e pela teoria do leitor implícito, passa a ser vista como um objeto pré-estabelecido, que se completa na presença singular de cada leitor. A leitura estaria, portanto, submetida

a constantes e diferentes interpretações, contrária a sua essência sempre igual e alheia ao tempo.

Durante o processo comunicativo, texto e leitor estariam confrontando suas experiências, trazendo seus “horizontes de expectativas”, diálogo essencial para que a relação interativa se estabeleça.

Como esclarecem as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1993, p. 83), “a atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra”.

Segundo Iser (1999, p. 107), o texto forma um sistema de combinação, abrigando um lugar para aquele que deve efetivar o acordo. “O lugar sistêmico é dado pelos lugares vazios, as quais são lacunas que marcam enclaves no texto e demandam serem preenchidos pelo leitor”. Dessa forma, o texto pressupõe necessariamente um receptor incumbido do preenchimento destes vazios, possui uma estrutura de apelo que invoca a participação de um indivíduo na feitura e acabamento: é seu leitor implícito. O processo comunicativo se estabelece quando o leitor implícito procura resgatar a coerência do texto que os vazios interromperam.

Uma das grandes contribuições da estética da recepção, afirma Hélio de Seixas Guimarães (2004, p. 43), está em justamente visualizar a obra literária como um tecido poroso, entreaberto, concedendo ao leitor a função de preencher os espaços vazios, inserir no ato da leitura suas crenças e expectativas.

A concepção da obra como tecido cheio de lacunas, de hiatos a serem preenchidos pelo leitor, a quem cabe atribuir sentidos ao texto é uma das grandes contribuições da Estética da Recepção, que entende que o processo de significação não se esgota na escrita. O sentido deixa de se localizar na mente do autor, como postulava a crítica fenomenológica de

tradição husserliana, para se produzir no embate do leitor com o texto, no ato da leitura para o qual o receptor traz suas crenças e expectativas, ou “pré-entendimentos”, que podem ser abandonados ou confirmados pela leitura. A leitura deixa de ser encarada com movimento linear progressivo, como um mero acúmulo contínuo de informações, já que informações tardias podem alterar expectativas anteriormente formuladas, assim como produzir reorganizações de entendimentos previamente formulados (GUIMARÃES: 2004, p. 43).

Conforme Luiz Costa Lima (2002, p. 784), o novo olhar voltado à fenomenologia da leitura nasce a partir do momento em que as abordagens estruturalistas são postas em questionamento e não mais conseguem satisfazer as análises teóricas do momento. As estéticas da recepção e do efeito surgem como meio de suprir a lacuna em que colocava a crítica estruturalista.

O propósito, então, apenas reformista, e a simplificação das teses opostas não impedem, contudo, que o ensaio de Jauss tenha tido o mérito saliente de assinalar o que não podia ser sistematizado pela abordagem estruturalista: a historicidade, presente sob a forma de “horizonte de expectativas”, entranhada quer na produção, quer na recepção da obra. Não é por acaso que as estéticas da recepção e do efeito, originadas respectivamente por Jauss e W. Iser, aparecerão mais recentemente como direções capazes de ultrapassar o funil em que se punha a crítica estruturalista: construção de modelos a- históricos (LIMA: 2002, p. 784).

Marcando a posteridade, servindo de semente para discussões teóricas futuras, os novos conceitos enfatizados pela estética da recepção de Jauss e pela teoria do leitor implícito de Iser são sinais do empenho em “conferir à arte a potencialidade emancipatória, ao leitor um lugar mais ativo e à literatura uma importância social que ultrapassa o papel reprodutor” (ZILBERMAN: 1989, p. 50).

### 1.1. - Estética da Recepção: uma visão pragmática da leitura

Certamente, o mérito da estética da recepção de Jauss não está em colocar em evidência a importância do leitor, enquanto receptor da obra, mas, sobretudo,

ênfatizar que esse elemento tem voz, historicidade e imprime na leitura seus valores, suas experiências.

Trazer o leitor das margens para o centro dos estudos literários, atribuindo-lhe novas funções, implica em fazer uma análise da leitura, observar como, de que maneira o leitor dialoga com o texto. Esclarece Jouve (2002, p. 13) que “analisar a leitura significa se interrogar sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler). Conseqüentemente, o estudo da leitura confunde-se com o da obra”.

Ao considerar a premissa de que o processo da leitura, mediante o enfoque abordado pela estética da recepção de Jauss e pelo conceito de leitor implícito de Iser, se estabelece por meio de uma interação dinâmica entre o texto e o leitor, ou seja, as estratégias textuais se limitam a pré-estruturar a recepção, cabendo ao receptor efetivar o processo comunicativo, desperta-nos a curiosidade de saber, de forma pragmática, como se estabelece o ato de interação entre o texto e o leitor.

Propomo-nos, portanto, realizar uma pesquisa de campo com o intuito de analisar a percepção dos leitores formais, informais sobre a leitura das obras do escritor Joaquim Maria Machado de Assis. Chamamos de leitores formais, alunos das unidades escolares, e de leitores informais, indivíduos que não estão freqüentando as escolas, mas possuem uma biblioteca domiciliar do autor.

Optamos por pesquisar dois públicos distintos de leitores, formais e informais, pois pretendemos, por meio de comparações entre semelhanças e diferenças apresentadas por esses dois grupos, compreender com mais propriedade o processo da leitura.

Aluno e professor passam a adotar métodos e estratégias novas de abordagens dos textos diante da inversão metodológica proposta pela estética da

recepção de Jauss e pela teoria do leitor implícito de Iser. Valorizar a experiência estética consiste em atribuir à leitura um papel dialógico, produtivo. Não há uma verdade única a ser encontrada na obra, os valores não estão estabelecidos, mas se constroem à medida que o leitor vai dialogando com o texto suas experiências.

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a idéia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar (ZILBERMAN: 1989, p. 110)

A consequência desta pluriformidade da leitura educa o aluno no sentido de o despertar para uma existência que diante da participação do professor como mediador, coloca autor e leitor numa intercomunicação constante.

Fruto de um trabalho de reflexão no campo teórico da leitura, associado às mudanças no contexto histórico, social e cultural do país, por volta dos anos 80 do século passado, o sistema educacional tem insistido no caráter pluriforme da leitura, apostando não ser essa atividade um fenômeno estático, que não funciona segundo o modo da evolução linear, mas que apresenta os seus movimentos oscilantes e variáveis.

No entanto, esclarece Zilberman (1989: p. 110), no que se refere ao caráter emancipador da literatura, que o ensino tem permanecido no modelo tradicional, desmentindo a função iluminista que traz das origens. A educação tem propagado com veemência uma utopia libertadora, pois ainda mantém atuante nas escolas práticas tradicionais de ensino, ocultando a voz do leitor.

Segundo Lajolo (1988, p. 53), o texto nas escolas “costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo”. Longe de ser um instrumento que permite ao leitor confrontar idéias, valores, a narrativa é utilizada, muitas vezes, como apêndice didático aos objetivos escolares.

Propomo-nos, dessa forma, analisar em nossa pesquisa de campo, por meio da percepção dos leitores formais, as estratégias de ensino do professor, observar, sobretudo, se as práticas metodológicas utilizadas em sala de aula como meio de aprendizagem têm conferido à leitura um papel mais interativo.

Ao considerar que a biblioteca, enquanto espaço de leitura, contribui com o processo de formação do leitor, objetivamos também analisar a política de aquisição do acervo, a formação do auxiliar de biblioteca e a interação do usuário com essa unidade.

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para o estudo da leitura. Não é nosso propósito abordar todos os aspectos do diálogo estabelecido entre o texto e o leitor, limitando-se toda pesquisa ao espaço, ao tempo e aos autores com os quais se propõe dialogar.

## 1.2. - Pressupostos Metodológicos

Para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos a pesquisa de campo quantitativa e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo foi desenvolvida nas bibliotecas públicas e particulares do município de Penápolis, Estado de São Paulo.

Optamos por analisar a percepção dos leitores formais e informais sobre a leitura das obras de “Machado de Assis”, pois além do autor ser um clássico da literatura nacional, tendo como consequência a facilidade de se encontrar leitores de

suas obras, assim como o fato de sua obra constar do acervo de todas as bibliotecas de nosso país. Por outro lado, Machado de Assis corresponde exatamente com os objetivos de uma análise proposta pela estética da recepção, pois o modo intricado e subjetivo que ele imprime em seus textos dá margem a diversas leituras e interpretações.

Segundo Hélio de Seixas Guimarães (2004, p. 27), com Machado de Assis o leitor ganha novos papéis e funções, abandona o caráter de mero recebedor do texto para se confraternizar com o escritor na confecção da obra literária. Isto se observa na “insistência cada vez maior em abordar, nas próprias narrativas, as nuances mais concretas do processo literário e com a afirmação cada vez mais veemente da importância da participação do receptor na consumação da obra”.

Em nossa pesquisa de campo, utilizamos como ponto de análise três grupos: leitores formais, informais e as bibliotecas. Em cada um destes grupos foram aplicados questionários (anexo 2, 3 e 4), contendo perguntas objetivas e dissertativas, conforme a descrição abaixo.

Como a aplicação dos questionários é resultado de todo um trabalho de elaboração, descrevemos o caminho percorrido para tal fim.

#### 1.2.1. Leitor Formal

Escolhemos como *corpus* da pesquisa as bibliotecas públicas estaduais, municipais e particulares, pois essas, enquanto espaços de leitura, seriam ideais para fornecer um número mais exato de leitores machadianos. Atualmente, há em Penápolis uma biblioteca pública municipal, cinco bibliotecas públicas estaduais e duas bibliotecas particulares.

Uma vez delimitado os locais da pesquisa, estabelecemos o período de janeiro de 2003 a dezembro de 2004, como um intervalo adequado para se obter um número significativo de leitores, como também em não resultar em um extenso volume de informações, dificultando a análise dos resultados. Esclarecemos que a pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2005.

Ao considerar que um dos nossos objetivos é analisar a percepção dos leitores formais, alunos, em relação à leitura das obras de Machado de Assis, escolhemos as séries que compõem o ensino fundamental (5ª a 8ª) e o ensino médio como público de análise. Definido o critério da escolaridade, consideramos desnecessária a especificação da faixa etária.

Delimitados os passos iniciais da pesquisa, realizamos o levantamento dos leitores das obras de Machado de Assis. Como os auxiliares de biblioteca controlam a retirada dos livros em fichas colocadas na contracapa dos mesmos, dirigimo-nos às prateleiras e manuseamos um a um os livros do escritor, elencando os leitores e sua preferência de leitura. Paralelamente a este trabalho de listagem dos usuários, foram levantados os dados bibliográficos das obras consultadas como data de edição, maneira de aquisição, tomo etc (anexo 1, p. 75). Como resultado da pesquisa foram encontrados, no período de dois anos (2003 e 2004), trezentos e oitenta e cinco leitores (385) na biblioteca pública municipal, cento e trinta e sete (137) leitores nas bibliotecas públicas estaduais e trinta e oito (38) leitores nas bibliotecas particulares.

Listados os nomes dos leitores machadianos e seus respectivos endereços, realizamos uma visita domiciliar com o intuito de esclarecer para o leitor os objetivos da pesquisa, o teor dos questionários, a importância de sua contribuição e a garantia do anonimato das respostas. Após dirimir todas as dúvidas ao leitor e tendo ele

concordado em participar da pesquisa, entregamos-lhe o questionário (anexo 2) para que o respondesse posteriormente. Dois dias depois, retornamos ao local, recolhendo-o.

O questionário aplicado nos leitores formais é composto de vinte e uma perguntas de natureza objetiva e dissertativa, subdividido em quatro grupos. No primeiro grupo (1 a 3), procuramos identificar o leitor e conhecer quais suas obras preferidas em relação ao autor Machado de Assis; no segundo grupo (4 a 15), procuramos analisar a percepção do leitor sobre a leitura das obras do escritor; no terceiro grupo (16 a 20), procuramos avaliar as estratégias de ensino do professor e, por último, o quarto grupo, a questão dissertativa (21), na qual procuramos compreender o que a literatura representa para o leitor.

Dos trezentos e oitenta e cinco leitores (385) encontrados na biblioteca pública municipal, setenta e dois (72) leitores responderam o questionário; nas bibliotecas públicas estaduais dos cento e trinta e sete (137) leitores, quarenta (40) responderam; e dos trinta e oito (38) leitores encontrados nas bibliotecas particulares, dez (10) responderam o questionário. Essa redução se deve aos fatos ocorridos durante a pesquisa de campo, como endereço inexistente, mudança de domicílio e recusa em responder ao questionário.

#### 1.2.2. - Leitor Informal

Realizamos uma busca na cidade de Penápolis à procura de leitores que tivessem o hábito de ler com assiduidade os livros de Machado de Assis, como também comprar obras do escritor, formando uma biblioteca domiciliar. Utilizamos como fonte para obter a relação de leitores machadianos as bibliotecas e livrarias. Como resultado da busca, encontramos oito leitores informais, sete do sexo

masculino e um do sexo feminino, assim especificados: S.P.P., mestrando em Psicologia pela USP; N.M.L., funcionário público; G.A.B.S., jornalista; A.P.A.F., funcionário público; A.J.A., bancário aposentado; J. P. G., advogado; A. M. F. A., professora readaptada e C. D. B.N., funcionário público aposentado. Concluída essa fase de levantamento, contactamos com os leitores, procedendo de forma semelhante à pesquisa realizada com os leitores formais.

O questionário (anexo 3, p. 81) aplicado nos leitores informais contém dezesseis (16) perguntas de natureza objetiva e dissertativa. As perguntas do questionário dos leitores informais são iguais as dos leitores formais, pois pretendemos, através de semelhanças e diferenças apresentadas por esses dois públicos, compreender com mais especificidade o processo da leitura. Há uma diferença de número de perguntas entre os dois questionários, pois o terceiro grupo do questionário dos leitores formais tem o objetivo de analisar as estratégias de ensino do professor, situação não pertinente à realidade dos leitores informais.

### 1.2.3. - Biblioteca

Ao considerar que cada biblioteca possui um funcionário responsável pela administração do espaço, encontramos, respectivamente, oito funcionários, denominados por nós de auxiliares de biblioteca, todos do sexo feminino.

Apresentamos às auxiliares um questionário (anexo 4), contendo dezessete (17) perguntas de natureza objetiva e dissertativa, subdividido em três partes: a primeira parte (1 a 10) se propõe a identificar a biblioteca, como também reconhecer o seu acervo; a segunda parte (11 a 14) se propõe a verificar a formação dos auxiliares de biblioteca e a terceira (15 a 17) se propõe a analisar a interação do

usuário com esse espaço. O procedimento de aplicação do questionário foi similar aos outros citados anteriormente.

## Capítulo I - Apresentação dos Resultados: Leitor Formal e Informal

Neste primeiro capítulo, propomo-nos a apresentar os resultados dos questionários aplicados nos leitores formais e informais. Os números colocados entre parênteses no corpo do texto referem-se às perguntas do questionário (anexo 5 e 6).

As respostas das perguntas dissertativas serão apresentadas na quarta parte do trabalho, na qual nos propomos a dialogar com os resultados.

### 1. - Primeiros contatos com o leitor

Inicialmente, questionamos os leitores formais e informais sobre sua escolaridade (1), obtendo como resultado que sessenta e três por cento (63%) dos leitores formais pertencentes à biblioteca pública municipal possuem o ensino médio completo, cinquenta e sete por cento (57%) dos leitores pertencentes às bibliotecas públicas estaduais possuem o ensino médio incompleto e noventa e um por cento (91%) dos leitores das bibliotecas particulares possuem o ensino médio incompleto. Quanto às respostas obtidas dos questionários aplicados nos leitores informais, setenta e cinco por cento (75%) dos leitores possuem o ensino superior completo e vinte e cinco por cento (25%) possuem o ensino superior incompleto.

Os resultados apresentados no parágrafo anterior sugerem que os alunos do ensino médio se interessam mais em ler as obras de Machado de Assis do que os do ensino fundamental.

Perguntamos aos leitores formais e informais qual sua preferência de leitura (2), que obras de Machado de Assis têm lhes despertado interesse. As respostas demonstraram que as obras *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*,

*Quincas Borba*, a novela *O Alienista*, como também os *contos* têm sido as produções literárias mais apreciadas pelos leitores.

Pedimos aos leitores formais e informais que escolhessem somente uma obra de Machado de Assis que tenham lido para responder as perguntas posteriores (3). Como resultado, quarenta e nove por cento (49%) dos leitores pertencentes à biblioteca municipal e sessenta e quatro por cento (64%) dos leitores pertencentes às bibliotecas particulares indicaram a obra *Dom Casmurro*, enquanto, trinta e três por cento (33%) dos leitores pertencentes às bibliotecas estaduais indicaram a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e os *Contos*. Quanto ao resultado do questionário aplicado nos leitores informais, sessenta e dois por cento (62%) dos leitores escolheram a obra *Dom Casmurro*.

Indicado o título da obra preferida, solicitamos aos leitores formais que respondessem o segundo (4 a 15) e o terceiro (16 a 20) blocos de perguntas, e aos leitores informais que respondessem o segundo bloco (4 a 15), utilizando como referência o livro escolhido.

## 2. - Analisando a leitura

Perguntamos aos leitores formais e informais em que ano realizou a leitura desse texto (4). Quarenta e três por cento (43%) dos leitores formais freqüentadores da biblioteca pública municipal, setenta e nove por cento (79%) dos leitores formais freqüentadores das bibliotecas públicas estaduais e oitenta e dois por cento (82%) dos leitores formais freqüentadores das bibliotecas particulares afirmaram que leram

em 2004. Quanto ao resultado do questionário aplicado nos leitores informais, quarenta e nove por cento (49%) afirmaram ler durante a faculdade.

Ao considerar que a pesquisa de campo se restringiu ao período de janeiro de 2003 a dezembro de 2004, os dados do parágrafo anterior demonstram uma procura considerável pela leitura das obras de Machado de Assis de um ano para outro. Embora as afirmações do próximo parágrafo não façam parte das respostas obtidas na pesquisa, durante o trabalho de campo, algumas situações foram possíveis observar que justifiquem, em parte, os resultados descritos.

Ao realizar nas bibliotecas estaduais e particulares a listagem dos leitores machadianos, descrevendo a série escolar, idade, preferência de leitura, notamos que um número expressivo de leitores apresenta um ponto em comum: pertencem à mesma classe/série e, conseqüentemente, possuem o mesmo professor. Não observamos na listagem leitores de diferentes classes.

Essas considerações parecem indicar a ausência nas unidades escolares de uma política coletiva de incentivo à leitura. Cada professor, mediante sua formação, suas preferências, estimula ou não os seus alunos a lerem.

Perguntamos também aos leitores formais e informais em que espaço realizou a leitura da obra (5). Como resposta, oitenta e oito por cento (88%) dos leitores formais freqüentadores da biblioteca pública municipal, oitenta e cinco por cento (85%) dos leitores formais das bibliotecas públicas estaduais e cem por cento (100%) dos leitores das bibliotecas particulares responderam que realizaram a leitura do texto em suas casas.

Como o parágrafo anterior traz resultados dos questionários aplicados nos leitores formais (alunos), obter como resposta que somente dez por cento (10%) dos

leitores freqüentadores da biblioteca pública municipal, treze por cento (13%) dos leitores freqüentadores das bibliotecas públicas estaduais e zero (0%) por cento dos leitores freqüentadores das bibliotecas particulares indicaram a opção “escola como espaço de leitura”, merece uma reflexão.

Esses dados nos levam a refletir qual a contribuição efetiva da escola no processo de formação da leitura, que condições favoráveis tem oferecido aos alunos para que eles encontrem neste espaço um ambiente adequado para a leitura.

Quanto às respostas obtidas com os leitores informais, sessenta e dois por cento (62%) afirmaram utilizar a casa como espaço de leitura, treze por cento (13%) afirmaram dividir o espaço de leitura entre a escola e o trabalho, doze por cento (12%) afirmaram dividir o espaço de leitura entre a escola e a casa e treze por cento (13%) afirmaram dividir o espaço entre a casa e a biblioteca.

#### 2.1. - Texto e leitor: um ato de interação

Segundo Vincent Jouve (2002, p. 67), o leitor, durante o processo da leitura, estabelece um pacto com a obra, uma espécie de contrato, cabendo-lhe a função de atender alguns sinais, concretizando ou não o ato da comunicação.

Reconhecida a importância desse contrato, perguntamos aos leitores formais e informais se tinham o hábito de ler os prefácios e introduções (6). Como resultado, constatamos que cinquenta e dois por cento (52%) dos leitores formais freqüentadores da biblioteca pública municipal, quarenta e dois por cento (42%) dos leitores freqüentadores das bibliotecas públicas estaduais e sessenta e quatro por cento (64%) dos leitores freqüentadores das bibliotecas particulares responderam que sim. Quanto às respostas dos leitores informais, setenta e cinco por cento (75%)

afirmaram que também possuem o hábito de iniciar a leitura de um texto pelos prefácios e introduções.

Os resultados acima parecem indicar que tanto os leitores formais como os informais estabelecem os primeiros vínculos com a obra, correspondem ao papel interativo que lhe é atribuído.

Ao partir do pressuposto de que “a mensagem literária, cortada de seu contexto, é recebida como um sistema fechado, cujos diferentes componentes só adquirem um sentido em suas relações mútuas” (JOUVE: 2002, p. 23), indagamos aos leitores formais e informais se têm o hábito de recorrer aos dicionários, fazer anotações em folha durante o ato da leitura (7).

Obtivemos como resposta que cinquenta e seis por cento (56%) dos leitores formais freqüentadores da biblioteca pública municipal, oitenta e dois por cento (82%) dos leitores freqüentadores das bibliotecas particulares afirmaram que não possuem o hábito de recorrer aos dicionários, fazer anotações durante a leitura. No entanto, sessenta e dois por cento (62%) dos leitores freqüentadores das bibliotecas públicas estaduais afirmaram que se utilizam desse recurso. Quanto aos leitores informais, sessenta e dois por cento (62%) disseram que não recorrem ao dicionário.

Ao considerar a premissa de que o processo de identificação previsto pela obra concede ao leitor vivenciar novas e singulares experiências, indagamos aos leitores formais e informais se durante a leitura se identificaram com o narrador ou com alguma personagem do livro que o levou a repensar sua visão de mundo (8).

Como resposta, constatamos que sessenta e nove por cento (69%) dos leitores pertencentes à biblioteca pública municipal, setenta e cinco (75%) por cento dos leitores pertencentes às bibliotecas públicas estaduais e setenta e três por cento

(73%) dos leitores pertencentes às bibliotecas particulares afirmaram que não se identificaram com a obra.

Quanto aos leitores informais, somente vinte e cinco por cento (25%) afirmaram que não se identificaram com alguma personagem da obra, enquanto setenta e cinco por cento (75%) dos leitores responderam de forma afirmativa a questão, sugerindo que esse público de leitor dialoga de forma mais efetiva com o texto.

Ao perguntar aos leitores formais e informais quais as personagens do livro que mais se identificaram (9), temos os seguintes resultados: trinta e oito por cento (38%) dos leitores pertencentes à biblioteca pública municipal responderam que foi a personagem *Capitu*; cinquenta por cento (50%) dos leitores pertencentes às bibliotecas estaduais responderam que foi a personagem *Brás Cubas* e trinta e quatro por cento (34%) dos leitores pertencentes às bibliotecas particulares responderam que foi a personagem *Bentinho*. Quanto às respostas dos questionários aplicados nos leitores informais, as personagens indicadas foram *Brás Cubas* (16,66%), *Bentinho* (16,66%), *Pedro e Paulo* (16,66%), *Quincas Borba* (16,66%), *Escobar* (16,66%) e *Brás Cubas/Dom Casmurro* (16,66%).

Indagamos aos leitores formais e informais se o livro, indicado no início do questionário, leram-no na totalidade, algumas partes ou o resumo da obra (10). Como resultado, sessenta e um por cento (61%) dos leitores formais frequentadores da biblioteca pública municipal, sessenta e sete por cento (67%) dos leitores frequentadores das bibliotecas públicas estaduais e oitenta e dois por cento (82%) dos leitores formais frequentadores das bibliotecas particulares afirmaram ler o livro

todo. Quanto aos leitores informais, cem por cento (100%) responderam que o leram em sua totalidade.

Perguntamos aos leitores formais e informais qual o grau de dificuldade que encontraram durante a leitura (11). Foi possível constatar que cinquenta e nove por cento (59%) dos leitores formais frequentadores da biblioteca municipal, quarenta e dois por cento (42%) dos leitores formais frequentadores das bibliotecas públicas estaduais e sessenta e quatro por cento (64%) dos leitores das bibliotecas particulares afirmaram que consideram o livro razoavelmente compreensível. Quanto aos leitores informais, sessenta e dois por cento (62%) também afirmaram ser o livro razoavelmente compreensível.

Como últimas perguntas do segundo bloco, questionamos também aos leitores se gostariam de reler a obra (12). Sessenta e cinco por cento (65%) dos leitores formais pertencentes à biblioteca pública municipal, cinquenta e quatro por cento (54%) dos leitores formais pertencentes às bibliotecas públicas estaduais e quarenta e seis por cento (46%) dos leitores formais pertencentes às bibliotecas particulares afirmaram que sim. Setenta e quatro por cento (74%) dos leitores informais também responderam de forma afirmativa a questão.

Em uma pergunta posterior, pedimos aos leitores formais e informais que justificassem a resposta da pergunta “se gostaria de reler a obra” (13) (dissertativa).

Questionamos aos leitores formais e informais como eles definem o escritor Machado de Assis e, conseqüentemente, sua escrita (14) (dissertativa).

Finalizando o segundo bloco de perguntas (4 a 15), perguntamos aos leitores formais e informais a que atribuir o conceito que eles têm sobre Machado de Assis (15). Como resposta, cinquenta e sete por cento (57%) dos leitores formais

pertencentes à biblioteca municipal, cinquenta e nove por cento (59%) dos leitores formais pertencentes à biblioteca estadual responderam que se deve à leitura da obra (citada no início do questionário). Contudo, cinquenta e cinco (55%) por cento dos leitores pertencentes às bibliotecas particulares responderam que se deve ao professor, aos livros didáticos. Quanto aos leitores informais, trinta e sete por cento (37%) afirmaram que se deve à leitura da obra.

## 2.2. - Estratégias de ensino

Interrogamos aos leitores formais por que leram as obras de Machado de Assis (16), espontaneamente ou a pedido do professor. Como resposta, sessenta por cento (60%) dos leitores pertencentes à biblioteca pública municipal, sessenta e dois por cento (62%) dos leitores pertencentes às bibliotecas públicas estaduais e sessenta e quatro por cento (64%) dos leitores pertencentes às bibliotecas particulares afirmaram que leram a obra a pedido do professor.

Na questão posterior (17), indagamos aos leitores formais, se a leitura foi espontânea, o que o motivou a procurar o livro. Quarenta e nove por cento (49%) dos leitores da biblioteca municipal, sessenta por cento (60%) dos leitores da biblioteca estadual e setenta e cinco por cento (75%) dos leitores da biblioteca particular afirmaram que foi o professor o influenciador da leitura.

Perguntamos aos leitores formais, se a leitura foi a pedido do professor, qual era seu objetivo (18). Cinquenta por cento (50%) dos leitores da biblioteca municipal e cinquenta e dois por cento (52%) dos leitores da biblioteca estadual responderam que o propósito do professor era avaliar a compreensão do texto através de uma prova. Cinquenta e sete por cento (57%) dos leitores da biblioteca particular afirmaram que foi para atender as exigências de leitura do vestibular.

Interrogamos aos leitores formais se o seu professor, ao indicar a leitura de uma obra, discute com seus alunos os elementos estruturais do texto literário (foco narrativo, linguagem etc) (19). Como resposta, setenta por cento (70%) dos leitores formais da biblioteca pública municipal, sessenta por cento (60%) dos leitores das bibliotecas públicas estaduais e setenta e um por cento (71%) dos leitores das bibliotecas particulares responderam que faz parte da estratégia de ensino do professor preparar os alunos para a leitura da obra.

Ainda procurando compreender a percepção do aluno em relação às estratégias de ensino do professor, questionamos aos leitores como o seu professor de leitura ministra as aulas (20). Trinta e nove por cento (39%) dos leitores formais da biblioteca pública municipal, quarenta e quatro por cento (44%) dos leitores das bibliotecas públicas estaduais afirmaram que o professor utiliza em suas aulas diferentes estratégias de ensino (vídeo, jornais, revistas etc) com práticas comuns de ensino-aprendizagem (lousa, livro didático etc). Quanto aos leitores das bibliotecas particulares, quarenta e seis por cento (46%) responderam que os seus professores utilizam com frequência o livro didático, a apostila e os resumos da obra como instrumentos de aprendizagem.

### 3. – Percepção dos leitores sobre o conceito de literatura

Neste quarto bloco, com o intuito de conceder ao leitor o direito de uma maior expressividade e, conseqüentemente, compreender com mais propriedade qual o significado da literatura, pedimos aos leitores formais e informais que respondessem a questão dissertativa “O que a literatura lhe representa” (21 - leitor formal), (16 - leitor informal).

## Capítulo II - Apresentação dos Resultados: Biblioteca

Neste segundo capítulo, propomo-nos a apresentar os resultados dos questionários (anexo 7) aplicados nas auxiliares de biblioteca.

### 1. - Reconhecendo o acervo das unidades

Após pedir às auxiliares que identificassem o nome e o local da biblioteca (1 e 2), questionamos-lhes qual o acervo total da unidade (3), obtendo como resultado a tabela abaixo:

	<b>Biblioteca</b>	<b>Acervo</b> (títulos)
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	25.000
Pública Estadual	Profª. Anésia Vince Ferreira (Escola Estadual Dr. Carlos Sampaio Filho)	39.000
	Profª. Maria Tereza Alves Viana (Escola Estadual Profª. Yone Dias de Aguiar)	25.780
	Prof. Adelino Peters (Escola Estadual Prof. Adelino Peters)	18.290
	Profª. Maria Luiza Bernardes Nory (Escola Estadual Profª. Maria Luiza Bernardes Nory)	7.000
	Profª. Ester Eunice (Escola Estadual Profª. Ester Eunice)	6.500
Particular	Educandário Coração de Maria (Colégio Sagrado Coração de Maria)	25.000
	Oceu - Positivo (Colégio Oceu – Positivo)	80

Embora esperássemos encontrar na biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci o acervo de número mais expressivo, devido ao fato de atender a um público mais amplo e diversificado, observamos que o seu acervo é menor do que o da biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Anésia Vince Ferreira que por ser, a primeira biblioteca pública formada no município de Penápolis, recebeu durante o decorrer do tempo um número maior de doações.

Quanto ao número de obras encontradas nas bibliotecas públicas estaduais, observamos que as escolas Dr. Carlos Sampaio Filho, Prof<sup>a</sup>. Yone Dias de Aguiar e Prof. Adelino Peters, que oferecem o ensino médio, receberam uma política diferenciada para a formação do seu acervo.

Consideramos oportuno esclarecer que algumas bibliotecas estaduais não se encontram em boas condições de funcionamento, portanto, o número total de obras é aproximado e não exato. Encontramos nesse espaço livros danificados, amontoados em caixas de papelão, sem o devido tombamento. O empréstimo dos livros, suas saídas e devoluções são anotados manualmente em cadernos e no fim do ano letivo muito dos livros não são devolvidos e os cadernos esquecidos.

Ao contrastar os resultados obtidos nas duas bibliotecas particulares, observamos que o acervo do Educandário Coração de Maria é mais expressivo que o do Oceu-Positivo. Isto se deve não somente pela sua antigüidade, mas também por apresentar o Educandário Coração de Maria uma política diferenciada de aquisição de obras. Esclarece a auxiliar de biblioteca que a escola destina mensalmente uma pequena quantia do seu orçamento para a compra de novos livros e, para tal propósito, realiza uma pesquisa entre os professores e alunos, procurando atender suas opções. No entanto, essa política não se realiza na escola Oceu-Positivo, pois,

como afirma a funcionária, os livros disponíveis nas prateleiras, em sua maioria, são doações.

Como um dos nossos objetivos é analisar a percepção dos leitores formais e informais sobre a leitura das obras de “Machado de Assis”, perguntamos às auxiliares quantos títulos de obras do autor existem no acervo (4). Como resposta, obtivemos o seguinte resultado:

	<b>Biblioteca</b>	<b>Acervo</b> (títulos)
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	220
Pública Estadual	Prof <sup>a</sup> . Anésia Vince Ferreira (Escola Estadual Dr. Carlos Sampaio Filho)	170
	Prof <sup>a</sup> . Maria Tereza Alves Viana (Escola Estadual Prof <sup>a</sup> . Yone Dias de Aguiar)	114
	Prof. Adelino Peters (Escola Estadual Prof. Adelino Peters)	115
	Prof <sup>a</sup> . Maria Luiza Bernardes Nory (Escola Estadual Prof <sup>a</sup> . Maria Luiza Bernardes Nory)	20
	Prof <sup>a</sup> . Ester Eunice (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice)	45
Particular	Educandário Coração de Maria (Colégio Sagrado Coração de Maria)	90
	Oceu – Positivo (Colégio Oceu - Positivo)	27

O pequeno número de obras de Machado de Assis encontradas no acervo das bibliotecas públicas estaduais Prof<sup>a</sup>. Maria Luiza Bernardes Nory e Prof<sup>a</sup>. Ester Eunice justifica-se pelo fato da escola oferecer ou não o ensino médio.

O dado observado anteriormente, que a biblioteca pública estadual Prof<sup>ª</sup>. Anésia Vince Ferreira possui um acervo total maior que a biblioteca pública municipal Sud Menucci, não se repete em particular às obras de Machado de Assis. Uma possível explicação para esse dado é que por ser a biblioteca pública municipal administrada por bibliotecário, esse sabe de antemão a importância do autor para a literatura nacional, privilegiando a aquisição de seus livros. Ou, talvez, por as obras de Machado de Assis apresentarem maior procura, levando os seus responsáveis a dar maior atenção a sua aquisição.

Outra pergunta feita às auxiliares de biblioteca (5) foi sabermos se a biblioteca tem recebido novos livros e quando foi a última remessa (6). Todas as auxiliares responderam que a biblioteca tem recebido novas obras, sendo que oitenta por cento (80%) afirmaram que a data da última remessa foi em 2004 e vinte por cento (20%) responderam que foi em 2003.

Perguntamos também às auxiliares se nessa remessa estava incluída alguma obra de Machado de Assis (7) e quais eram (8). Sessenta e dois por cento (62%) das auxiliares responderam de forma afirmativa a questão: a biblioteca pública municipal Prof. Sud Menucci, a biblioteca pública estadual Prof<sup>ª</sup>. Maria Tereza Alves Viana, a biblioteca pública estadual Prof<sup>ª</sup>. Maria Luiza Bernardes Nory e a biblioteca pública estadual Prof<sup>ª</sup>. Ester Eunice. As obras recebidas foram o romance *Dom Casmurro*, *Helena*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *A Mão e a Luva*, *Contos*, *Poesia Completa* e *Teatro*. No entanto, trinta e oito por cento (38%) afirmaram negativamente a questão.

Quanto às respostas das auxiliares das bibliotecas públicas estaduais, consideramos oportuno destacar alguns fatos que podem explicar, em parte, os

resultados descritos no parágrafo anterior. A Secretaria Estadual de Educação, nesses últimos anos (2004 e 2005), tem desenvolvido projetos que fomentam a leitura entre os alunos e professores e, dentre esses, destacamos os projetos “Hora da Leitura” e “Tecendo a Leitura” que têm como um de seus objetivos incentivar a leitura dos clássicos no ensino fundamental (5ª a 8ª). Para atender a essa iniciativa, os gestores da educação têm enviado às bibliotecas públicas estaduais coleções de livros pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita”.

Finalizando este bloco, questionamos às auxiliares se a biblioteca recebe sugestão de títulos para aquisição de novos livros para o acervo (9). Como resultado, cinquenta por cento (50%) das auxiliares afirmaram de forma afirmativa a questão, a biblioteca pública municipal, a biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters, a biblioteca pública estadual Profª. Maria Luiza Bernardes Nory e a biblioteca particular Educandário Coração de Maria.

Em uma pergunta posterior (10), perguntamos às auxiliares se a biblioteca tem atendido a essas solicitações (dissertativa).

## 2. - Auxiliar de biblioteca

Ao considerar que se estende também às auxiliares de biblioteca a tarefa de contribuir com o processo de formação do leitor e que o desempenho dessa função depende, em grande parte, da formação profissional, perguntamos às auxiliares se eram funcionária graduada em biblioteconomia, professora readaptada, voluntária ou outra especificação (11). Como resultado, vinte e cinco por cento (25%), constituídos pela biblioteca pública municipal e a biblioteca particular Educandário Coração de Maria, afirmaram serem funcionárias graduadas em biblioteconomia, cinquenta por

cento (50%) das auxiliares afirmaram serem professoras readaptadas e vinte e cinco por cento (25%) serem voluntárias.

Perguntamos também às auxiliares há quanto tempo trabalham na biblioteca (12), obtendo como resultado a tabela abaixo:

	<b>Biblioteca</b>	<b>Tempo de trabalho</b>
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	23 anos
Pública Estadual	Prof <sup>a</sup> . Anésia Vince Ferreira (Escola Estadual Dr. Carlos Sampaio Filho)	20 anos
	Prof <sup>a</sup> . Maria Tereza Alves Viana (Escola Estadual Prof <sup>a</sup> . Yone Dias de Aguiar)	2 meses
	Prof. Adelino Peters (Escola Estadual Prof. Adelino Peters)	3 anos
	Prof <sup>a</sup> . Maria Luiza Bernardes Nory (Escola Estadual Prof <sup>a</sup> . Maria Luiza Bernardes Nory)	2 anos e 4 meses
	Prof <sup>a</sup> . Ester Eunice (Escola Estadual Prof <sup>a</sup> . Ester Eunice)	10 anos
Particular	Educandário Coração de Maria (Colégio Sagrado Coração de Maria)	10 anos
	Oceu - Positivo (Colégio Oceu-Positivo)	3 meses

Como última pergunta desse bloco, indagamos às auxiliares se fizeram cursos de aperfeiçoamento (13) e quando foi o último encontro (14). Setenta e cinco por cento (75%) das auxiliares afirmaram que não participaram de cursos de aperfeiçoamento e vinte e cinco por cento (25%), as auxiliares da biblioteca pública municipal e o da biblioteca particular Educandário Coração de Maria, afirmaram que participaram e que a data do último encontro foi em 2002 e 2004.

### 3. – Usuário

Perguntamos às auxiliares de biblioteca com que frequência os professores procuram retirar livros pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita” (15). Como resultado, treze por cento (13%) das auxiliares afirmaram que o professor sempre retira livros na biblioteca, trinta e oito por cento (38%) afirmaram que às vezes ele retira livros e quarenta e nove por cento (49%) responderam que raramente o professor se utiliza dos empréstimos de livros desse espaço.

Em uma questão posterior (16), pedimos às auxiliares que justificassem a resposta da pergunta “com que frequência os professores procuram retirar livros pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita” ( dissertativa).

Ainda analisando a interação do usuário com a biblioteca, perguntamos às auxiliares se, antes de indicar a leitura aos alunos, o professor confere se há número suficiente de livros na biblioteca para atender os leitores (17). Setenta e cinco por cento (75%) das auxiliares afirmaram que somente alguns professores conferem a quantidade de livros disponíveis na biblioteca e vinte e cinco por cento (25%) das auxiliares responderam que todos os professores se utilizam dessa prática.

### Capítulo III - Dialogando com os resultados

Neste terceiro capítulo, propomo-nos a dialogar com os resultados da pesquisa feita com os leitores formais, informais e as bibliotecas.

#### 1. - Análise do Questionário - Leitor Formal e Informal

##### 1.1. – Leitura: uma atividade com várias facetas

O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar (SARTRE: 2004, p. 35).

Segundo Vincent Jouve (2002, p. 67), o texto propõe ao leitor um certo número de convenções programando sua recepção. Durante a leitura, caberia ao leitor estar atento a alguns sinais, como os prefácios, introduções e avisos de todo tipo que têm a função de lhe orientar.

Ao tomar como base as afirmações de Jouve (2002), perguntamos aos leitores formais e informais se, durante a leitura do livro (citado no questionário), teve o hábito de ler primeiramente os prefácios e introduções. Como resultado, obtivemos respostas afirmativas. Tanto os leitores formais como os informais parecem atender aos primeiros sinais da obra, avisos, conforme esclarece Jouve (2002, p. 67), que possibilitam ao receptor uma melhor compreensão do texto.

Quanto às respostas afirmativas obtidas com o questionário aplicado nos leitores das bibliotecas estaduais, consideramos sugestivo destacar os projetos “Hora da Leitura” e “Tecendo a Leitura”, desenvolvidos pela Diretoria de Ensino – Região

de Birigui, à qual pertence a cidade de Penápolis, com os alunos e professores da rede pública, no período de 2004 e 2005. Esses projetos enfatizam, além de outros pontos que envolvem a leitura, a importância do leitor se ater a todas as partes estruturais do livro, desde a capa, a ilustração, o tipo de letra, como também dados biográficos, introduções e prefácios.

Segundo Iser (1999, p. 98), o processo de interação entre o texto e o leitor se estabelece mediante algumas condições. Entre os dois pólos da comunicação, há semelhanças e diferenças, condição, afirma o autor, “constitutiva e diferencial para a relação interativa dos parceiros envolvidos”.

Esclarece Jouve (2002, p. 23) que o autor e o leitor não compartilham o “mesmo espaço comum de referência. Portanto, fundamentando-se na estrutura do texto, no jogo de suas relações internas, que o leitor vai reconstruir o contexto necessário à compreensão da obra”.

Ao tomar como princípio de que entre o texto e o leitor, quase sempre, se estabelece uma relação assimétrica, cabendo ao receptor a função de amenizar essa diferença, questionamos aos leitores formais e informais se, ao ler o livro, teve o hábito de recorrer ao dicionário, fazer anotações durante o ato da leitura, obtendo como resultado respostas negativas.

Ao considerar a possibilidade de que muitos leitores formais não possuem uma ampla experiência literária herdada de leituras anteriores, os resultados merecem uma reflexão. Não ter a prática de recorrer ao dicionário, fazer anotações, parece revelar que o processo interativo da leitura não se estabelece.

No processo comunicativo da leitura, cabe ao leitor a função de organizador e revitalizador da narrativa, sem a colaboração efetiva do receptor, o texto não se atualiza e, conseqüentemente, o ato comunicativo não se estabelece.

O leitor, diante de um texto ficcional, assegura Luiz Costa Lima (1979, p. 51), precisa se comportar como um estrangeiro, interrogar-se com freqüência se o sentido que está atribuindo à obra é adequado, somente após adquirir esta condição que a assimetria entre o texto o leitor vai diminuindo.

Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro, que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada à leitura que está cumprindo. Só mediante esta condição, dirá Iser, a assimetria entre texto e leitor poderá dar lugar “ao campo comum de situação” comunicacional (LIMA: 1979, p. 51).

Possivelmente, o trabalho de abrir o dicionário, estabelecer relações entre o desconhecido e a própria vivência do leitor permita amenizar a assimetria estabelecida entre o texto e o receptor, efetivando o processo comunicativo.

Quanto à resposta afirmativa obtida com o questionário aplicado nos leitores informais, e ao considerar a possibilidade de que esse público apresenta uma experiência literária herdada de leituras anteriores mais consistente, realizar uma leitura contínua, ininterrupta, apostando, muitas vezes, nas horas de dúvidas no sentido intuitivo, na relação palavra/contexto, não prejudica a compreensão da obra. No entanto, seria utópico acreditar que o leitor informal tenha o conhecimento de todo o universo do texto literário, e que nunca necessite da contribuição do dicionário.

Ao partir da premissa que, durante o processo de interação, o leitor é convidado a evadir-se para o universo ficcional da obra, “identificar-se com as

peças em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*Katharsis*)” (JAUSS: 1979, p. 87), perguntamos aos leitores formais e informais se durante a leitura se identificaram com alguma personagem da obra.

Esclarece Luiz Costa Lima (1979, p. 47) que durante o processo da leitura, o outro, seja o narrador ou as personagens, funciona como um espelho, devolvendo ao leitor por refração sua própria imagem, obrigando-o a reavaliar suas experiências passadas. A história do outro se torna o *alter-ego* do leitor, ela lhe proporciona visualizar no alheio o que lhe é próprio.

O sujeito do prazer conhece-se no outro, traz a alteridade do outro para dentro de si, ao mesmo tempo que se projeta nesta alteridade. Ora, nesta experiência assim complexa, o conhecimento só experimenta a diferença do outro a partir do próprio estoque de prenoções que traz consigo (LIMA: 1979, p. 47).

Ao obtermos como resultado que muitos leitores formais não se identificaram com as personagens da obra, as respostas parecem sugerir que os alunos não encontraram nas personagens do texto uma situação favorável que lhe permitisse dialogar com suas próprias experiências.

Ao procurar compreender quais os possíveis motivos que justifiquem esse desencontro, esbarramos em dois pontos distintos. De um lado temos que esta dissertação se propõe a analisar a leitura das obras de Machado de Assis, escritor pertencente à chamada literatura “clássico-erudita”, tendo, portanto, textos com uma estrutura mais complexa. Conseqüentemente, a leitura das obras machadianas exige um leitor diferenciado, portador de alguns requisitos que lhe dê condições para dialogar com o texto.

Por outro lado, temos leitores formais, alunos, muitas vezes, despreparados para lerem as obras de Machado de Assis, sem os conhecimentos teóricos necessários para realizar a interpretação dos textos machadianos. Há que considerar que é freqüente entre os alunos a leitura de livros de fácil assimilação, textos que não exigem do leitor grandes esforços, que não afetem sua estabilidade emocional.

Ao tomar como referência essas duas situações, torna-se possível compreender, em parte, o que faz com que os leitores formais não dialoguem de forma mais efetiva com a obra. O leitor, diante de um texto que se distancia de sua realidade, não se vê incluído no discurso, não consegue compartilhar com a obra suas experiências.

Esclarece Vincent Jouve (2002, p. 130) que o leitor durante a leitura sempre procura a confirmação de si, uma estabilidade que assegure os seus interesses. Ao se sentir distante do papel previsto pelo romance, excluído do discurso, o leitor se recusa a participar do jogo, a ponto de, até mesmo, fechar o livro. “A rejeição absoluta de uma personagem inassimilável tem também como resultado confortar o leitor em suas escolhas ideológicas na base de sua identidade”.

Conforme Jouve (2002, p. 131), o que muitos leitores buscam na leitura não é uma experiência desestabilizante, mas ao contrário, uma confirmação daquilo em que eles acreditam. Contudo, assegura o autor, são as experiências desestabilizantes que ocorrem durante a leitura que proporcionam o desenvolvimento, “quando é confrontado com a diferença e não com a semelhança, o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir”.

Ao considerar que, muitas vezes, no processo de interação, texto e leitor apresentam realidades distintas, enfatizamos a importância do professor como

mediador da leitura. Cabe-lhe a tarefa de estar minimizando a assimetria estabelecida entre a obra e o receptor, oferecer aos alunos instrumentos que lhes possibilitem ampliar os “horizontes de expectativas”, contribuindo, conseqüentemente, para que se estabeleça o processo interativo da leitura.

Quanto aos leitores informais, os resultados da pesquisa parecem sugerir que o processo de identificação previsto pela obra é mais aceito. Pelas próprias características deste público de leitor, observamos alguns elementos que lhes permitem dialogar de forma mais interativa com a obra.

Os leitores informais, ao trazer para a leitura, uma vivência literária mais diversificada, um horizonte de expectativas maior, conseguem, por meio desses elementos, dialogar com a obra, confrontar valores e, conseqüentemente, adquirir novas experiências.

Por outro lado, possivelmente, os leitores informais apresentam uma maior disponibilidade a participar do jogo de identificações previsto pelo texto, aceitando com mais receptividade os riscos, as experiências desestabilizantes que ocorrem durante a atividade da leitura. A maturidade presente nos leitores informais lhes permite certos desafios que em uma outra idade não seria possível, somente após adquirir uma estabilidade emocional que se arriscar sem medo às novas experiências da leitura se tornam possíveis.

Esclarecem Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1993, p. 84) que durante a fusão de horizontes de expectativas previstos pela obra e pelo leitor, acontecem duas situações distintas. De um lado se a obra confirma os valores e normas impostas pelo leitor, há uma situação de conforto, de tranqüilidade; por outro lado, se a obra desafia a compreensão do leitor, há uma situação de conflito,

desequilíbrio. No entanto, afirmam as autoras, o leitor, diante de um texto que se distancia dos seus horizontes de expectativas, deve estar disposto para atender alguns critérios.

Diante de um texto que se distancia do seu horizonte de expectativas, o leitor, além de responder aos desafios por mera curiosidade ao novo, precisa adotar uma postura de disponibilidade, permitindo à obra que atue sobre seus esquemas de expectativas através das estratégias textuais intencionadas para a veiculação de novas convenções (BORDINI; AGUIAR: 1993, p. 84).

Compartilhar com as personagens da obra valores, experiências, pressupõe um leitor flexível às novas mudanças, um leitor que permita que o texto atue sobre seus “esquemas de expectativas”, possibilitando-lhe adquirir novas convenções. O leitor, ao confrontar experiências já adquiridas com novas, inicia-se um processo de desequilíbrio, uma instabilidade momentânea que aos poucos, *pari passu*, vai acomodando e fazendo parte da história de cada leitor.

Interrogamos aos leitores formais e informais se leram o livro todo, algumas partes ou o resumo da obra. Ao obter como resposta que muitos leitores formais leram a obra em sua totalidade, questionamos se esses observaram as entrelinhas do texto, ou realizaram uma leitura superficial, limitando-se a decodificar as letras. O fato de o aluno ter afirmado que leu o livro integralmente não justifica que houve compreensão do texto, mas que o pedido de leitura solicitado pelo professor foi atendido.

Ler, não se limita a decifrar o sentido de um texto, a descobrir o desfecho, mas, observar, sobretudo, a trama que se estabelece na obra. Mais que saber se Capitu traiu ou não Bentinho, respondendo questões prévias elaboradas pelo professor, convidar os alunos a lerem a obra *Dom Casmurro* significa lhes mostrar o

jogo de linguagem que se estabelece no texto, os espaços vazios deixados na obra, convidando o leitor a ser o co-artífice, a construir junto com o escritor os rumos da narrativa.

Esclarece Roland Barthes (2004, p. 18) que há duas práticas de leitura, duas maneiras distintas do leitor se relacionar com o texto. Enquanto alguns leitores se atêm ao encadeamento dos fatos, ao desfecho da intriga; outros se voltam aos detalhes da obra, não lhe cativa “o desfolhamento das verdades, mas o folhear do sentido”.

Uma vai direto para as articulações da história, considera a extensão do texto, ignora os jogos de linguagem (se leio Júlio Verne, vou rápido: perco algo do discurso, e, entretanto minha leitura não é atraída por nenhuma *perda* verdadeira – no sentido que essa palavra pode ter em espeleologia); a outra leitura não deixa passar nada; ela pesa, gruda ao texto, lê, se assim se pode dizer, com aplicação e ânimo, enxerga em cada ponto do texto o assíndeto que corta as linguagens – e não a história: não é a extensão (lógica) que cativa, o desfolhamento das verdades, mas o folhear do sentido (BARTHES: 2004, p. 18).

Perguntamos aos leitores formais e informais se gostariam de reler a obra, obtendo como resultado respostas afirmativas. Em uma pergunta posterior, ao pedir aos leitores formais e informais que justificassem a resposta da pergunta se “gostariam de reler a obra”, muitos enfatizaram a importância da releitura, afirmando ser uma atividade que permite ao leitor rever alguns pontos não observados na primeira leitura.

A leitura da obra machadiana traz a cada nova leitura uma viagem interpretativa diferente (A.C.S. – leitor formal - biblioteca pública municipal).

Gostaria de ler novamente, pois é uma obra que conta fatos da nossa história (F.S.S. – leitor formal - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira).

O livro ficaria mais fácil de entender lendo pela segunda vez (S.A.J.R. – leitor formal - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana).

Para saber mais das obras do escritor (T.A.E. – leitor formal - biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters).

Gosto de ler algumas obras mais de uma vez porque assim podemos entender melhor o livro e relacioná-la com o estudo da escola (R.P.P. – leitor formal - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory).

Porque eu achei muito interessante e me agradou muito. Gostaria, por isso, de reler o livro (T.M.S.S. –leitor formal - biblioteca pública estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice).

Achei interessante a linguagem e acredito que os livros, cada vez que são relidos, transmitem-nos mensagens diferentes, levando-nos a pensar em várias partes de nossa vida (S.D.G. – leitor formal - biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Gostaria de ler novamente a obra para poder compreendê-la melhor (M.M.T. – leitor formal - biblioteca particular Oceu-Positivo).

A releitura de obras-primas é sempre necessária (C.D.B.N. – leitor informal).

As obras de Machado de Assis são atemporais, são clássicas, no sentido de sua universalidade e perenidade. A cada nova leitura, novas redescobertas (J.P.G. – leitor informal).

Gostei muito da obra *Dom Casmurro*. Machado de Assis usa muitas metáforas e isso faz com que a obra seja interessante, permitindo diferentes e singulares leituras (A M. F. A. - leitor informal).

A maioria dos livros mais importantes de Machado de Assis li e reli várias vezes. Não pretendo reler novamente (S.P.P. - leitor informal).

A capacidade de levar o leitor para dentro da obra (N.M.L - leitor informal).

Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo o romance *Esau e Jacó* (G.A.B. S. - leitor informal).

À medida que se tem prazer em fazer algo, é natural que se busque repetir (A.P.A.F. - leitor informal).

Embora a obra *Dom Casmurro* tenha sido escrita na segunda metade do século XIX, a história de Bentinho e Capitu continua atual, a amiúde encontram-se casos similares onde a dúvida, o ciúme, a fraqueza humana, a falta de isenção na análise dos fatos, levam a equivocadas conclusões da realidade, ocasionando, por vezes, graves conseqüências (A.J.A. - leitor informal).

Há que considerar que o leitor, ao ler uma obra pela primeira vez, seduzido pela história do livro, não se atém aos detalhes, às dicas que o autor lhe oferece para

uma melhor interpretação do texto. Somente na segunda leitura, após ter o leitor o conhecimento do fio condutor da narrativa, é possível rever o caminho percorrido, observar certas conexões, como afirma Jouve (2002), imperceptíveis no primeiro momento.

Se a leitura linear é a mais respeitosa das regras do jogo, não é necessariamente a mais interessante. A sucessão não é a única dimensão da narrativa, o texto não é somente uma superfície, mas também um volume do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura (JOUVE: 2002, p. 29).

Na segunda leitura, muitas vezes, o leitor, ao perceber que foi omissos a alguns detalhes do texto, precise reavaliar suas primeiras conclusões, adquirir uma nova postura em relação ao desfecho da narrativa.

Ao perguntar aos leitores formais como eles definem o escritor Machado de Assis e, conseqüentemente, sua escrita, algumas respostas trazem a imagem de um autor sério, complexo, difícil de ser compreendido.

Não muito claro na sua maneira de escrever, estranho (P.M.P.S. - leitor formal – biblioteca estadual Profª Maria Luiza Bernardes Nory).

Sério. O autor possui uma escrita difícil e complicada (F.S.S. - leitor formal – biblioteca estadual Profª Anésia Vince Ferreira).

Eu acho que não tem como definir Machado de Assis com uma única característica, pois a meu ver, o autor é uma mistura, ao mesmo tempo em que fala sério, ironiza, acaba brincando (S.L.L. - leitor formal – biblioteca estadual Profª Maria Tereza Alves Viana).

Um estilo de escrever que mistura seriedade com ironia (L.C.P-leitor formal – biblioteca estadual Prof. Adelino Peters).

Sério, pois o autor é muito correto e sincero em suas obras (T.M.S.S. - leitor formal – biblioteca estadual Profª Ester Eunice).

Eu defino o escritor Machado de Assis como um mestre na observação psicológica, com estilo sarcástico inconfundível (T.C. - leitor formal – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Sisudo (R.S.M. - leitor formal – biblioteca particular Oceu-Positivo).

Sério, objetivo. (L.F.O. – leitor formal – biblioteca pública municipal Sud Menuci).

Talvez a releitura permita ao leitor desfazer algumas concepções que lhe impedem visualizar outras leituras que permeiam na narrativa. Possivelmente, o leitor, ao reler a obra, consiga perceber um outro escritor que brinca com o receptor, que lhe concede a liberdade de decidir junto com o autor os rumos do texto.

Ao perguntar aos leitores informais como eles definem o escritor Machado de Assis, obtivemos os seguintes resultados:

Machado de Assis foi uma pessoa que buscou desmascarar a hipocrisia de seu tempo. Homem de vasta cultura, sua obra conta com várias camadas de significados: psicológica, sociológica, estilística, estética etc (S.P.P.).

Enquanto pessoa um obstinado, dotado de uma incrível capacidade de superação. Quanto ao escritor, um gênio de raça, pois conseguiu reunir equilíbrio, simplicidade, elegância e humor refinado (N. M.L.).

Revolucionário e conservador. O primeiro pode ser compreendido através de seus escritos que mudou a forma de se ver o Brasil a partir da literatura. Conservador porque, apesar da amplitude de suas obras, Machado não foi uma pessoa engajada em movimentos sociais existente no Brasil no final do século XIX (G.A.B. S).

Até os seus quarenta e dois anos Machado de Assis foi um escritor mediano, morando em um país qualquer da América do Sul. A partir do livro *Memórias Póstumas Brás Cubas*, Machado de Assis revela-se um gênio universal, um grande escritor (A.P.A.F).

Escritor que trata de temas universais, que mexem com o psicológico das pessoas. Com estilo próprio, objetivo, sem muitos adjetivos, mas com muita ironia e humor, valendo-se de personagens retirados das entranhas da sociedade brasileira de sua época, sua maneira de ser, agir, pensar, seus costumes, construir uma obra imortal de nossa literatura e, a par disso, Machado de Assis é referência em todos os livros de gramática publicados em Língua Portuguesa (A.J.A.).

É nosso escritor realista por excelência. O realismo da psique humana, em todas as suas manifestações e nuances (J.P.G.).

Machado de Assis possuía uma maneira única de escrever, suas obras simbolizam o que há de melhor na arte literária (A. M.F. A.).

Um escritor fino, elegante. Narrador sutil. Construtor de caracteres inesquecíveis como algumas personagens da literatura mundial (C. D.B. N).

Quanto às respostas dos leitores informais, possivelmente, após o contato com diferentes obras do autor Machado de Assis, como também as releituras, tenham lhes permitido compreenderem a importância desse escritor para a literatura.

Os leitores informais, em nossa pesquisa, representam uma pequena parcela dos leitores que, de uma forma privilegiada, conseguiram refazer suas primeiras impressões sobre Machado de Assis e reconhecer a singularidade desse escritor. Possivelmente, esse fato se atribui à participação da família ao incentivo à leitura, às particularidades de cada indivíduo, como também ao tratamento diferenciado do professor em relação ao processo de formação da leitura.

E o que “nós”, enquanto professores, mediadores e formadores da leitura, temos feito para que os conceitos atribuídos pelos leitores formais em relação ao estilo literário do escritor Machado de Assis sejam revistos, quais as ferramentas que temos oferecido aos alunos para que possam reorganizar suas concepções e, futuramente, fazer parte do grupo dos leitores informais, reconhecendo também a singularidade desse escritor.

#### 1.2. – Sala de aula: leitura emancipatória ou reprodutiva?

Ao partir do pressuposto que a estética da recepção de Jaus e a teoria do leitor implícito de Iser conferem à leitura um papel mais interativo, procuramos analisar em nossa pesquisa, sob a percepção dos leitores formais, as estratégias de ensino do professor.

Inicialmente, perguntamos aos leitores formais por que leram o livro, espontaneamente ou a pedido do professor. Obtivemos como resposta que a maioria dos leitores respondeu que foi para atender à solicitação do professor.

Em uma pergunta posterior, questionamos aos leitores formais se a leitura foi espontânea, o que o motivou a ler o livro. Mais uma vez, o professor foi a opção mais indicada. Mediante esse dado, enfatizamos a função do professor como mediador e formador da leitura, está em suas mãos estimular os alunos a lerem, contribuindo com o processo de construção do leitor.

Ainda nesse contexto, ressaltando o papel do professor como influenciador da leitura, Ana Maria Machado (2001, p.120) faz algumas considerações. Esclarece a autora que nas escolas o discurso oral e a sua prática não têm compartilhado os mesmos objetivos, os mesmos ideais. Os professores convidam seus alunos a lerem, no entanto, “como não vêem ninguém fazendo isso, ninguém lhes fala com paixão de leituras já feitas, acham apenas que tudo é obrigação escolar e não sentem a menor curiosidade por fazer a mínima exploração”.

Em uma outra questão, perguntamos aos leitores formais qual era a intenção do professor ao solicitar a leitura do livro. Como resultado, os leitores responderam que era realizar uma prova de interpretação do texto. Diante desse dado, consideramos oportuno discutir alguns pontos que envolvem a leitura nas escolas.

Omitindo, muitas vezes, suas funções básicas de instrumento pedagógico de ensino dialógico, “emancipatório”, a leitura tem se mostrado nas salas de aula como uma atividade impositiva, classificatória.

Os professores pedem aos seus alunos que façam a leitura de um texto e responda, como forma de interpretação, às perguntas do questionário elaboradas pelo autor do livro, ou pelo professor. Quanto à correção dos exercícios, cabe aos alunos conferir se suas respostas correspondem às descritas na lousa, e “provar que

leu significa silenciar a própria leitura e aderir à leitura do outro” (LABEURB: 1998, p. 32).

Segundo José Horta Nunes Labeurb (1998, p.31), a leitura nas unidades escolares tem passado por uma espécie de julgamento, avaliação, apreciação do que é lido. Vista, muitas vezes, sob o aspecto econômico, a leitura consiste na interpretação de arquivos, bancos de dados. Mediante essa prática de ensino, complementa o autor, “torna-se comum na escola a preparação de modelos de provas e a orientação da leitura em função delas e os alunos, para obterem boas avaliações, boas notas, devem se inteirar das estratégias de leitura adequadas”.

A avaliação da leitura nas unidades escolares, muitas vezes, ao invés de ser uma atividade diagnóstica que permite ao professor rever criticamente o trajeto do aprendizado, através da atividade interpretativa, restringe-se à mera conceituação numérica e quantitativa de como o aluno atingiu as expectativas do formulário proposto. O professor está mais preocupado em atribuir valores, cumprir com as formalidades, do que contribuir com o processo de formação do leitor.

Por outro lado, cabe à escola a função de oferecer conhecimentos aos seus alunos e, conseqüentemente, exigir uma atitude responsável, compromissada em relação a esse espaço. A avaliação, vista sob esse viés, torna-se necessária, pois é uma maneira de diagnosticar como está se estabelecendo a relação do aluno com o estudo.

Determinar aos seus alunos que leiam um livro para ser posteriormente avaliado através de provas pode ser o primeiro passo para o contato com a leitura, um estímulo que em uma idade mais avançada leve o leitor a reler a obra, observar

certos detalhes, como afirma Jouve (2002, p. 29), imperceptíveis no primeiro momento.

A importância da escola como primeiro estímulo à leitura se confirma quando analisamos algumas respostas dos leitores formais:

Primeiramente li a obra por motivo escolar, ou seja, para fazer prova. Posteriormente me interessei e passei a ler por gosto (F. P. – leitor formal - biblioteca estadual Maria Tereza Alves Viana).

Por causa do vestibular acabei lendo livros que normalmente não iria ter contato, porém aprendi muito com eles e acabaram me enriquecendo. Às vezes as coisas que nos são estipuladas acabam se tornando agradáveis e ensinando muito (S.D.G. – leitor formal – biblioteca particular Oceu-Positivo).

Li o livro por intermédio da escola, pois foi lá que tomei conhecimento sobre as obras do escritor (T.C. – leitor formal – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

O papel da escola na formação do leitor, de acordo com Italo Calvino (2000, p. 13), é fazer com que o aluno conheça bem ou mal um certo número de obras. Entre elas, os clássicos, em relação ou no meio dos quais, ele poderá reconhecer os “seus” clássicos. Assim, a escola precisa ser um espaço democrático que forneça ao aluno instrumentos para ele efetuar uma opção. Entretanto, para Calvino, as escolhas “que contam” são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola, somente nas leituras desinteressadas pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o “seu” livro.

Ao considerar que durante a fusão de horizontes de expectativas previsto pelo texto e pelo leitor pode estabelecer uma relação de conforto ou de desequilíbrio (BORDINI; AGUIAR: 1993, p. 83), o professor assume uma função primordial. Cabe-lhe a tarefa de oferecer instrumentos, meios que possibilitam ao leitor uma melhor compreensão da obra e estaria falando a todo o momento ”experimente se vê

melhor com estas lentes, com aquelas, com aquelas outras” (PROUST: 2001, p. 184).

Perguntamos aos leitores formais se o seu professor prepara a leitura da obra, discute com os alunos os elementos estruturais do texto literário (foco narrativo, linguagem etc). Como resultado, obtivemos respostas afirmativas.

Mesmo diante de resultados positivos, questionamos a estratégia pedagógica do professor, de que forma se realiza a relação da teoria com a prática. O professor estabelece um diálogo entre os conceitos teóricos e a estrutura narrativa do livro, demonstrando aos alunos a importância dessa conexão para a compreensão do texto, ou a teoria é transmitida aos alunos de forma reprodutiva, mecanizada.

Em uma pergunta posterior, questionamos ao leitor como o seu professor de português ministra suas aulas. Obtivemos como resultado que os professores das escolas públicas utilizam diferentes estratégias de ensino, em contraposição às escolas particulares que privilegiam o uso das apostilas e do livro didático.

Segundo Lajolo (1988, p. 54), o livro didático, de caráter autoritário e opressor, tem se colocado nas salas de aula como a única verdade, omitindo o caráter polissêmico da leitura, e o professor, ao reforçar as verdades absolutas do livro, tornar-se guardião delas, colaborando para a alienação do processo educativo.

Tudo que chega a escola via livro didático, transforma-se numa verdade absoluta, e duvidar dela ou discuti-la costuma, em muitos casos, refletir-se negativamente na avaliação do aluno. Ao endossar as tais verdades absolutas, ao assumir-se com guardião delas, o professor corre o risco de contribuir para a alienação do processo educativo. E ao fazer do texto pretexto de qualquer forma de dogmatismo, está desfigurando o texto (LAJOLO: 1988, p. 54).

A substituição do livro didático, por outras práticas alternativas de ensino, pode conferir à leitura uma maior liberdade interpretativa. Trazer para a sala de aula

jornais, revistas, vídeos, instrumentos diversificados de aprendizagem, permitem ao leitor dialogar com o texto de forma mais livre e espontânea suas opiniões.

Quanto à afirmação dos leitores das bibliotecas particulares, segundo os quais os professores utilizam com mais frequência na sala de aula o livro didático, as apostilas e os resumos da obra, uma possível explicação para esse dado é o interesse acentuado da rede particular em obter aprovações no vestibular, prática não enfatizada com expressividade pelas propostas de ensino da rede pública.

De forma inversa, as instituições públicas de ensino têm como objetivo principal formar o cidadão, oferecer aos alunos instrumentos que lhes permitam dialogar com o mundo, expressar e confrontar valores.

### 1.3 – Função humanizadora da literatura

Com a finalidade de conceder ao leitor uma maior liberdade de expressão e, concomitantemente, compreender o significado da literatura, pedimos aos leitores formais e informais que respondessem a pergunta dissertativa “O que a literatura lhe representa” (21 - leitores formais), (16 – leitores informais).

Em uma primeira análise, tanto as respostas dos leitores formais quanto a dos leitores informais não apresentam resultados tão contrastantes. No entanto, após uma leitura mais criteriosa das respostas, observamos entre os dois grupos um diferencial significativo.

Enquanto muitos leitores formais avaliam a literatura como forma de conhecimento, como meio de aprimorar sua escrita, ampliar o vocabulário, os leitores informais afirmam ser a literatura um importante instrumento que lhes proporciona prazer.

A literatura é uma forma excelente para aperfeiçoar a língua, para desenvolver a capacidade crítica e, acima de tudo, uma valiosa fonte de cultura (A.M.I. – leitor formal – biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci).

A literatura é uma forma de viajar no tempo, significa um vasto conhecimento da época. Contribui também para desenvolver o vocabulário, conhecer expressões usadas antigamente (F.S.S. Leitor formal – biblioteca estadual Prof<sup>a</sup>. Anésia Vince Ferreira).

É a expressão dos escritores, como era a época em que viviam os seus sentimentos. A literatura é um meio de compreender a sociedade da época estudada. Ela contribui para o aumento do meu conhecimento (S.A.J.R. – leitor formal- biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana).

A literatura é uma estrutura escolar que serve para conhecermos novas palavras, desperta a imaginação, nos faz viajar quando lemos (F.M.S. - leitor formal – Prof. Adelino Peters).

Através da literatura a gente aprende mais e fica conhecendo autores famosos e inesquecíveis da literatura (J.A.S. – leitor formal – biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory).

Eu vejo a literatura como algo interessante para mim, que vai me ajudar tanto na escola como na vida, me ajudando a desenvolver meu lado crítico (E.M.B. - leitor formal - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice).

Vejo a literatura como meio de ligação com a história, que precisa ser entendida para que se possa compreender o presente e o futuro (D.V.T. – leitor formal – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

A literatura nos ajuda saber como as pessoas viviam e pensavam. Ela é muito significativa, pois sabendo como as pessoas viviam, saberemos como devemos viver e o que fazer para a nossa vida ser melhor (M. M. T. – leitor formal- biblioteca particular Oceu-Positivo).

A literatura permite que entremos em contato com outras vidas, com outras formas de vivências. Mas para mim, o mais importante é o simples prazer da leitura (S. P.P. - leitor informal).

A literatura para mim é seiva. Alimento espiritual. Lazer. Fruição. Formação. Apreensão de mundo (J.P.G. - leitor informal).

As respostas dos leitores formais nos permitem observar que esses enfatizam a importância da literatura como formadora do indivíduo. Não observamos nas respostas dos alunos ênfase à literatura como um instrumento que proporciona ao leitor momentos agradáveis de leitura.

Ao considerar que os leitores formais são alunos, encontram-se em processo de elaboração de conceitos, escolha de suas preferências de leitura, as respostas são compatíveis com a realidade desse público. Há que considerar que a leitura “emancipatória” é resultado de todo um trabalho que perpassa pelo caminho do lúdico com uma parada na estação da disciplina escolar.

Parada esta que faz todo o diferencial, pois cabe à escola, de forma mais específica, ao professor, lapidar os conhecimentos adquiridos pelo leitor, fornecer aos alunos uma nova visão da literatura, possibilitando-lhes vivenciar outras faces da leitura.

Por outro lado, as respostas dos leitores formais parecem corresponder às frases prontas, aos clichês propagados pelos livros didáticos, pelos professores sobre o conceito do que é “literatura”. Os resultados nos levam a refletir até que ponto essas concepções são consistentes, correspondem de fato ao significado a que propõem, tornando a literatura não um objeto idealizado, reprodutivo.

Mais que disciplina pedagógica, componente curricular da grade escolar, a literatura faz o homem viver, torna-o humano à medida que compartilha com o outro emoções e experiências. A literatura “*não corrompe nem edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO: 1972, p. 806).

A partir das considerações de Antonio Candido podemos inferir que a literatura, ao despertar a quota de humanidade presente em cada um, torna o ser humano mais compreensivo com o semelhante, com a sociedade.

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento

das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO: 1995, p. 249).

As respostas dos leitores formais de que a literatura é uma forma de conhecimento, um meio de aprimorar sua escrita, ampliar o vocabulário nos levam a refletir se o professor, enquanto mediador da leitura, tem despertado nos alunos, através da literatura, o “exercício da reflexão”, o “afinamento das emoções”. Sua tarefa, mais que transmitir conceitos, datas referentes aos diversos movimentos literários, consiste em mostrar aos alunos que através da literatura o homem vivencia com o outro suas dores e alegrias e, conseqüentemente, desperta-lhe a capacidade de intervenção.

## 2 – Análise do questionário – Biblioteca

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares (...), ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO: 1944, p. 3).

### 2.1 – Composição do acervo: um ato de compromisso com o leitor

Após as auxiliares responderem às perguntas iniciais do questionário (nome, local e acervo da biblioteca), interrogamos-lhes se a biblioteca tem recebido com frequência novos livros para a composição do acervo e quando recebeu a última

remessa. Como resultado, todos as auxiliares responderam de forma afirmativa a pergunta e que as datas das últimas remessas foram 2004 e 2005.

Esclarece a auxiliar, responsável pela administração da biblioteca pública municipal Prof. Sud Menucci, que a quantia recebida da prefeitura, destinada para a compra de novas obras, é muito pequena, insuficiente para suprir a demanda, exigindo que se utilize como complemento o valor arrecadado através das multas cobradas dos usuários pelo atraso da entrega dos livros.

Quanto à aquisição de novos livros pelas bibliotecas estaduais, as auxiliares informaram que as bibliotecas recebem com maior frequência livros didáticos, no entanto, nos últimos anos, 2004 e 2005, a Secretaria Estadual de Educação tem demonstrado maior interesse na compra de livros paradidáticos. Uma justificativa para esse recebimento se deve a dois projetos, “Hora da Leitura” e “Tecendo a Leitura”, que se propõem a resgatar a leitura entre os professores e alunos da rede pública.

Atendendo aos objetivos desses dois projetos, destacamos a formação de uma biblioteca voltada exclusivamente para atender o professor, o recebimento de obras de diversos assuntos que se voltam a ampliar os conhecimentos teóricos do educador.

No entanto, questionamos se esses livros estão realmente chegando às mãos dos professores, contribuindo de forma efetiva para a sua formação global, ou estão guardados em prateleiras. Como esclarecem Fantinatti e Ceccantini (2004, p. 50), há duas situações limites que acontecem nas escolas que precisam ser analisadas: de um lado há livros acondicionados em caixas de papelão, sujeitos ao processo de deterioração; e do outro lado há livros trancafiados a sete chaves na sala do diretor.

O livro é visto como a panacéia milagrosa para todos os males, é mitificado, sacralizado ao ponto de se barrar o acesso material à leitura, ainda que no nível do discurso se fique sempre no campo das melhores intenções; de outro lado, porque não integra de fato o universo de nossa cultura, o livro pode ser radicalmente banalizado, sendo desprezado ao ponto de ir parar no porão (FANTINATI ; CECCANTINI: 2004. p. 50).

Por outro lado, questionamos se os professores procuram ler esses livros, se há interesse por parte dos leitores em aprimorar não só os conhecimentos específicos da sua disciplina, mas, sobretudo, utilizar a leitura como um instrumento de diálogo com o mundo.

Segundo Marisa Lajolo (2002, p. 16), a crise da leitura, tão discutida nas escolas, deve-se a vários fatores. O desencontro em relação à literatura não é somente do aluno, mas também do professor. Faz-se necessário redirecionar o foco, observar outros pontos que envolvam o assunto.

Numa última perspectiva, o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós - professores – também vivemos. Os alunos não lêem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também (LAJOLO: 2002, p. 16).

Em uma questão posterior, perguntamos às auxiliares de biblioteca se nessa remessa estava incluída alguma obra de Machado de Assis. Obtivemos respostas afirmativas da biblioteca pública municipal e das bibliotecas públicas estaduais, excluindo a biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Ester Eunice. A explicação para o resultado obtido das bibliotecas estaduais se deve, de forma mais específica, aos projetos “Hora da Leitura” e “Tecendo a Leitura” que, dentre suas diversas funções, se voltam a incentivar a leitura dos clássicos no ensino fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>).

Ao considerar que cabe à biblioteca dialogar com o usuário, ouvir suas considerações, perguntamos às auxiliares se a biblioteca recebe sugestão de títulos

para a aquisição de novos livros para o acervo. Como resultado, temos que cinquenta por cento das auxiliares responderam de forma afirmativa, a biblioteca pública municipal, a biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters, a biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Maria Luiza Bernardes Nory e a biblioteca particular Educandário Coração de Maria.

Em seguida, perguntamos às auxiliares se a biblioteca tem atendido a essas solicitações .

Sim. Temos procurado atender os usuários. Essas solicitações se referem aos últimos lançamentos de best-sellers, ficção científica (biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci).

A biblioteca não compra livros. A Secretaria Estadual da Educação envia e quando pedem sugestão, nós indicamos os mais solicitados (biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Anésia Vince Ferreira).

Não respondeu (biblioteca estadual Prof<sup>a</sup>. Maria Tereza Alves Viana).

Não atendemos às solicitações, pois a aquisição de novos livros cabe somente à direção da escola (biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters).

Não recebemos sugestão. Os livros são enviados pela S.E.E. (biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Ester Eunice).

Temos recebido sugestão de títulos, mas não podemos atender, pois recebemos da S.E.E. (biblioteca pública estadual Prof<sup>a</sup>. Maria Luiza Bernardes Nory).

Sim. Os livros são, em sua maioria, indicados pelos professores e coordenadores. Livros para vestibular (biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Não recebo sugestão (biblioteca particular Oceu - Positivo).

A auxiliar da biblioteca pública municipal, ao afirmar que “sim, temos procurado atender os usuários. Essas solicitações se referem aos últimos lançamentos de best-sellers, ficção científica”, questionamos o papel exercido pelas bibliotecas. Ao invés de investirem na compra de livros que promovam a “emancipação”, que integrem o patrimônio cultural da humanidade, destinam suas pequenas verbas na

aquisição de outras obras. Não estariam as bibliotecas perdendo sua função de promotora do conhecimento para se adequar ao comércio da indústria cultural?

Quanto à resposta da auxiliar da biblioteca particular Educandário Coração de Maria que tem recebido sugestão dos professores, coordenadores, mas, em sua maioria, são livros indicados para a seleção do vestibular, esse dado vem reafirmar o interesse acentuado das escolas particulares na compra de obras indicadas para a seleção.

Em relação às respostas das auxiliares das bibliotecas estaduais, observamos que não lhes é concedido o direito de opinar na lista dos novos livros a serem adquiridos. A aquisição de novas obras segue orientações da Secretaria Estadual de Educação que, mediante o projeto pedagógico, determina o que deve ou não se incorporado ao acervo.

Segundo Labeurb (1998, p. 39), a aquisição de livros nas escolas ora está sujeita às verbas de que se dispõe, obrigando os responsáveis a optar por edições mais baratas, de qualidade de impressão inferior, ora a remessa de livros vem de entidades governamentais, livros didáticos e clássicos da literatura brasileira. Assim, “o ato de demanda no mais das vezes não parte dos leitores efetivos, o sistema de distribuição funciona através da construção de representações dos leitores (perfis sócio-econômicos...) que os tornam passíveis de uma administração da leitura”.

## 2.2. – Detalhes que fazem o diferencial

Perguntamos às auxiliares qual sua formação profissional, obtendo como resultado que cinquenta por cento responderam que são readaptadas, vinte e cinco por cento responderam que são voluntárias e “somente” vinte e cinco por cento das auxiliares afirmaram serem graduadas em biblioteconomia.

Os resultados do parágrafo anterior parecem indicar o descompromisso do poder público com as bibliotecas estaduais, a ausência de uma conscientização da importância desse espaço para a formação do indivíduo. Ao invés de contratarem bibliotecários, funcionários com formação, capazes de administrar com propriedade as bibliotecas, utilizam-se dos serviços dos professores readaptados, como também dos préstimos dos voluntários da comunidade.

Como esclarece Luís Milanesi (1988, p. 95), um dos problemas que mais afetam o bom desempenho das bibliotecas é a ausência de mão de obra especializada, a contratação de funcionários não habilitados para exercerem a profissão. Diante dessa substituição indevida, as bibliotecas têm deixado de gerenciar com propriedade sua tarefa.

O resultado disso é uma distorção profissional que leva a um ineficiente desempenho por parte de funcionários, muitas vezes com ânimo, mas sem as bases necessárias para desenvolver um trabalho menos improvisado. Em função disso, é grande o número de bibliotecas, algumas até ostentando um vasto acervo, que deixam de ter catálogo ou mesmo a classificação que permite separar nas estantes livros de um mesmo assunto (MILANESI: 1988, p. 95).

A presença de um bibliotecário capaz de administrar com eficiência seu trabalho, reflete de forma direta na organização da biblioteca. Durante a pesquisa de campo, observamos alguns diferenciais entre as unidades que possuíam ou não um funcionário graduado em biblioteconomia, singularidades que vão desde os cartazes disponíveis na parede alertando aos usuários a importância do cuidado com o espaço, como também a qualidade do som ambiente, o tombamento das obras, o controle rígido com a saída e devolução dos livros.

Em uma pergunta posterior, perguntamos às auxiliares há quanto tempo trabalham na biblioteca. Como resultado, observamos que as respostas se agrupam

em dois blocos distintos. Enquanto algumas unidades possuem funcionários trabalhando no local há alguns anos, condição favorável para que se realize um trabalho contínuo, seqüencial, outras bibliotecas têm a freqüente rotatividade de seus funcionários, situação, muitas vezes, imprópria para desenvolver o exercício com qualidade.

### 2.3. – Redimensionando a função da biblioteca

Indagamos às auxiliares com que freqüência os professores se dirigem às bibliotecas e retiram livros pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita”. Obtivemos como resultado que trinta e oito por cento das auxiliares afirmaram que às vezes o professor retira livros na biblioteca, treze por cento afirmaram que sempre o usuário retira livros e quarenta e nove por cento das auxiliares responderam que “raramente” os professores se utilizam dos empréstimos de obras desse espaço.

A considerar que “todos os professores exigem leituras: todos são responsáveis pelo incentivo e desenvolvimento da leitura em nossas escolas” (SILVA; MAHER: 1978, p. 12), os resultados do parágrafo anterior sugerem uma reflexão. Questionamos o envolvimento do professor com a biblioteca, não apenas como um local de pesquisa para os alunos, atividade complementar ao conteúdo desenvolvido em sala de aula, mas, como um espaço de interação no qual biblioteca e usuário podem compartilhar suas experiências.

Em uma pergunta posterior, ao pedir às auxiliares que justificassem a resposta da pergunta com que freqüência os professores se dirigem às bibliotecas e retiram livros pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita”, compreendemos com mais especificidade o ponto abordado.

Não temos como responder essa pergunta, nosso contato maior é com o aluno, normalmente o professor retira o livro na biblioteca da escola (biblioteca pública municipal Sud Menuci).

Os professores não retiram as obras da biblioteca, talvez porque as possuem em casa (biblioteca estadual Prof. Adelino Peters).

Raramente retiram os livros na biblioteca, talvez por falta de costume e incentivo (biblioteca Profª. Ester Eunice).

Eles procuram sempre estarem atualizados, ler não somente os clássicos, mas os livros da biblioteca do professor (biblioteca estadual Profª. Maria Tereza Alves Viana).

Eles indicam os livros clássicos para os alunos, sendo assim, lêem a literatura clássica (biblioteca estadual Profª. Maria Luiza Bernardes Nory).

Os professores que indicam clássicos aos seus alunos, fazem-no por conta de seus conhecimentos anteriores, não lêem no momento da indicação (biblioteca estadual Profª. Anésia Vince Ferreira).

Não respondeu (biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Não respondeu (biblioteca particular Oceu-Positivo).

Mediante as respostas das auxiliares de biblioteca, podemos inferir que muitos professores não retiram livros da biblioteca escolar ou municipal, pois podem ter uma biblioteca domiciliar. Entretanto, a frequência do professor nesse espaço é fundamental para que se inteire das obras disponíveis, das novas aquisições e também como modo de incentivo à leitura aos seus alunos. Como esclarece Ezequiel Theodoro da Silva (1988, p.141), a parceria entre a biblioteca, a escola (professores, corpo administrativo) e, até mesmo, a comunidade, é essencial para a efetivação dessa unidade.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Ezequiel (1988), destacamos a importância de se redimensionar a função da biblioteca. Longe de ser somente um local de depósito de livros, um anexo da escola, a biblioteca assume uma função essencialmente dinâmica. Abandonando o caráter estático que tem sido colocada, a biblioteca passa a ser vista como um centro catalisador e impulsionador da proposta

pedagógica que norteia a prática escolar. Em uma ação conjunta, biblioteca, professores, a equipe escolar como um todo, estariam trocando experiências, propondo metas que contribuam para a aprendizagem dos alunos. “Pode se afirmar que uma escola sem biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico, torna-se um instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto” (AMATO; GARCIA: 1989, p. 9).

A auxiliar, responsável pela administração da biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters, ao dizer que raramente o corpo administrativo atende suas solicitações, que a biblioteca tem sido um espaço desintegrado da escola, funcionando, muitas vezes, apenas como local de “depósito” de livros, observamos que o papel da biblioteca, como também sua aplicabilidade dentro do contexto escolar, precisam ser revistos, reavaliados.

A biblioteca escolar precisa ser vista como um espaço integrado à proposta pedagógica dos professores, e não como um apêndice das escolas. Mas, na maioria das vezes, afirma Sanches Neto (1998, p. 22), “a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser a sua alma”.

Durante a pesquisa de campo, observamos que algumas bibliotecas se situavam em lugares inadequados, distantes do público-leitor, com um espaço pequeno, sem as condições adequadas para organizar o acervo, como também receber o usuário. Por outro lado, encontramos bibliotecas com boas condições físicas de funcionamento, com um acervo expressivo, no entanto, sem a frequência constante dos leitores. Nas duas situações, há falhas no exercício das funções da biblioteca, problemas que podem ser solucionados por meio de um trabalho consciente, comprometido entre o auxiliar e a equipe escolar.

## Considerações Finais

Em nossa pesquisa de campo, focalizamos o estudo em três pontos distintos, os leitores formais, informais e as bibliotecas. Após os resultados obtidos da pesquisa de campo e empreendidas as análises, chegamos as seguintes considerações finais.

Segundo os conceitos abordados pela estética da recepção de Jaus e pela teoria do leitor implícito de Iser, a leitura estaria submetida ao efeito e recepção de uma obra. Durante o processo comunicativo, a obra estaria apresentando uma série de convenções, pré-estruturando o texto, cabendo ao leitor, mediante sua historicidade, efetivar o diálogo.

Nesse novo enfoque, a leitura passa a ser vista como um processo interativo entre o texto e o leitor, os dois pólos estariam dialogando suas experiências. O leitor estaria assumindo a função de revitalizador e organizador do texto literário, o elemento que estabelece e concretiza a relação interativa.

Ao tomar como premissa essas considerações e ao confrontá-las com as respostas obtidas dos questionários aplicados nos leitores formais e informais, constatamos que esses dois públicos de leitores dialogam de forma distinta com o texto.

Os resultados dos questionários aplicados nos leitores formais parecem indicar que esse público de leitor não interage com a obra. Mesmo tendo como respostas que leram o livro em sua totalidade, que gostariam de reler a obra, ao lhes perguntar se recorrem ao dicionários, se eles se identificam com as personagens da obra, obtendo respostas negativas, observamos que os leitores formais não exercem o

papel de revitalizador e organizador da leitura, não compartilham com a obra valores e experiências.

Quanto aos leitores informais, os resultados da pesquisa de campo parecem indicar que esse público de leitor dialoga de forma mais efetiva com a obra, corresponde ao papel interativo que lhe é atribuído durante o ato da leitura.

Em relação às estratégias de ensino, os dados da pesquisa de campo sugerem que o professor tem utilizado práticas pedagógicas que conferem à leitura um papel mais interativo. No entanto, questionamos se essas estratégias têm contribuído realmente para a aprendizagem dos alunos, ou representam somente dados, sem aplicabilidade.

Após analisar os resultados obtidos do questionário aplicado nas auxiliares de biblioteca que se propuseram avaliar a política de aquisição do acervo, a formação do auxiliar de biblioteca, e ao observar que as unidades têm recebido novos livros, no entanto, a aquisição não se faz de forma contínua, que por falta de um funcionário graduado em biblioteconomia, utiliza-se dos serviços dos professores readaptados, como também dos préstimos da comunidade, constatamos a ausência de uma política planejada, de uma postura consciente, compromissada em relação à importância desse espaço.

## Referências Bibliográficas

AMATO, Miriam; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 9-23.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Machado de Assis. Obra Completa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva S.A., 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin, 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

\_\_\_\_\_. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: Vol. 24, n.9, p. 803-809, 1972.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

FANTINATI, Carlos Erivany; CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Um país se faz de homens, livros e bibliotecas. In: BENITES, Sônia Aparecida Lopes; PEREIRA, Rony Farto (orgs). *À roda da leitura: língua e literatura no jornal proleitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Assis: ANEP, 2004, p. 41-52.

GUIMARÃES, Hélio de Souza. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. (Vol. 2).

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (trad. e org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.67-84.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (trad. e org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.85-104.

\_\_\_\_\_. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Telleroni. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.

LABEURB, José Horta Nunes. Aspectos da forma histórica do leitor brasileira na atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelle (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998, p.25-46.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p.51-62.

LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda (d) a literatura. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.37-66.

\_\_\_\_\_. Estruturalismo e crítica literária. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 777-816. (Vol. 2).

LOURENÇO FILHO, M.B. O ensino e a literatura. In: 1. *Conferência da Série Educação e Biblioteca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944, p. 3-4.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MILANESI, Luís. *O que é biblioteca?* São Paulo: Brasiliense S.A., 1988.

PROUST, Alain de. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. 14 ed. Ver. Por Olgaria C.F. Matos. São Paulo: Globo, 2001.

SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola. In: *Revista Literária Blau*. Vol. 4, n. 20, p. 20-24. Porto Alegre: mar, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 133-146.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; MAHER, James Patrick. Leitura: uma estratégia de sobrevivência. In: *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, 1978.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2002, p. 11-17.

## Obras Consultadas

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. Trad. Octávio Mendes. São Paulo: Cultrix, Brasília, INL, 1977.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Trad. Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva S. A., 2004.

\_\_\_\_\_. *Obra Aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.

FRAGOSO, Graça Maria. *Biblioteca e escola: uma atividade interdisciplinar*. Belo Horizonte: LÊ, 1994.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?* São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998. .

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 2003.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortati. *Leitura, literatura e escola*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

\_\_\_\_\_. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil.* São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Leitura na escola e na biblioteca.* Campinas: Papyrus, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

# ANEXOS

## ANEXO 1 – Levantamento de empréstimo

Descrição da obra (romance, conto, crônica, poema etc)

Título da obra-

Data de edição-

Local da edição –

Maneira de aquisição (compra, doação) –

Tombo-

Data de aquisição do volume-

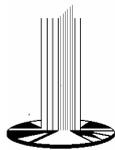
Descrição do leitor:

Nome-

Grau de escolaridade-

Endereço -

## ANEXO 2 – Questionário – Leitor Formal



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campus Três Lagoas

Mestrado em Letras

### Orientações para responder o questionário

- a. Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos leitores sobre a leitura das obras de Machado de Assis, como também analisar as estratégias de ensino do professor;
- b. Não é propósito desta pesquisa desprestigiar o aluno e o professor, mas, sim, compreender com mais propriedade a leitura;
- c. O nome e as respostas do leitor serão preservados em sigilo;
- d. O questionário se divide em perguntas objetivas, devendo o leitor assinalar somente uma alternativa, e algumas perguntas dissertativas, nas quais procuramos a expressão espontânea do leitor;
- e. A contribuição do leitor é muito importante, pela qual agradecemos especialmente.

MARIÂNGELA DO NASCIMENTO SANT'ANA DA COSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ BATISTA DE SALES

### Descrição da leitura

Fonte (biblioteca municipal, estadual, particular) – (espaço a ser preenchido pelo pesquisador)

Número do leitor – (espaço a ser preenchido pelo pesquisador)

Nome do leitor -

1) Escolaridade-

2) Qual (is) obra de Machado de Assis você leu? (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas)

3) Cite apenas uma obra que tenha lido de Machado de Assis para responder as perguntas posteriores de número 4 a 20:

4) Em que ano leu a obra citada na questão anterior?

5) Em que espaço realizou a leitura dessa obra:

a) Na escola ( );

b) Em sua casa ( );

c) Na casa de amigos ( );

d) No trabalho ( );

e) Outro lugar ( ).

6) Ao ler o livro teve o hábito de:

a) Iniciar a leitura do livro pelo primeiro capítulo, sem ler os prefácios e introduções ( );

b) Antes de iniciar a leitura, analisar a capa, os prefácios e introduções ( );

c) Ler primeiramente o resumo da obra ( ).

7) Ao ler o livro teve o hábito de recorrer ao dicionário, fazer anotações em folhas, pesquisando e procurando entender a obra?

a) Sim ( ) b) Não ( )

8) Identificou-se com alguma personagem que o levou a repensar sua visão de mundo?

a) Sim ( ) b) Não ( )

9) Qual (is) personagem (ns) se identificou?

10) Como leu a obra?

a) o livro todo ( );

b) algumas partes ( );

c) resumo da obra ( ).

11) O livro lhe pareceu:

a) Facilmente compreensível ( );

b) Razoavelmente compreensível ( );

c) Difícil, distante da minha realidade ( ).

12) Gostaria de reler a obra?

a) Sim ( );

b) Não ( );

c) Talvez ( ).

13) Justifique a resposta anterior (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas).

14) Como você define o escritor Machado de Assis? Justifique sua resposta (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas).

15) O conceito que você tem sobre o escritor Machado de Assis se deve:

- a) À leitura desta obra ( );
- b) Ao professor, aos livros didáticos ( );
- c) À mídia (televisão, jornal, internet etc) ( ).

16) Por que leu esta obra?

- a) Espontaneamente, iniciativa própria ( );
- b) A pedido do professor ( ).

17) Se a leitura foi espontânea, o que o levou a procurar o livro:

- a) Amigos ( );
- b) Família ( );
- c) Professor ( );
- d) Mídia (televisão; jornal etc) ( );
- e) Iniciativa própria ( ).

Se a leitura foi a pedido do professor, responda as perguntas de número 18 a 20:

18) O pedido do professor era:

- a) Desenvolver uma leitura aberta a debates, discussão em grupo ( );
- b) Avaliar a leitura através de provas ( ).;
- c) Atender às exigências de leitura do vestibular ( ).

19) Seu professor de literatura comentou, antes da leitura da obra, os elementos estruturais do texto literário (foco narrativo, tempo, espaço etc):

- a) Sim ( );
- b) Não ( ).

20) Em relação às aulas ministradas pelo seu professor de literatura é possível observar:

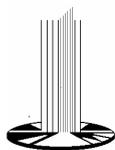
a) Um professor que utiliza com frequência diferentes estratégias de ensino (vídeo, jornal, revista etc) ( );

b) Um professor que utiliza com frequência o livro didático, a apostila, os resumos da obra ( );

c) Um professor que equilibra diferentes estratégias de ensino (vídeo, artigo etc) com práticas comuns de ensino-aprendizagem (lousa, livro didático etc) ( ).

21) O que a literatura representa para você? (espaço concedido de resposta ao leitor – meia página)

## ANEXO 3 – Questionário – Leitor Informal



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campus Três Lagoas

Mestrado em Letras

### Orientações para responder o questionário

- a. Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos leitores sobre a leitura das obras de Machado de Assis;
- b. Não é propósito desta pesquisa desprestigiar o leitor, mas, sim, compreender com mais propriedade a leitura;
- c. O nome e as respostas do leitor serão preservados em sigilo;
- d. O questionário se divide em perguntas objetivas, devendo o leitor assinalar somente uma alternativa, e algumas perguntas dissertativas, nas quais procuramos a expressão espontânea do leitor;
- e. A contribuição do leitor é muito importante, pela qual agradecemos especialmente.

MARIÂNGELA DO NASCIMENTO SANT'ANA DA COSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ BATISTA DE SALES

### Descrição da leitura

Fonte (livraria, biblioteca) – (espaço a ser preenchido pelo pesquisador)

Número do leitor – (espaço a ser preenchido pelo pesquisador)

Nome do leitor:

1) Escolaridade:

2) Qual (is) obra de Machado de Assis você leu? (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas)

3) Cite apenas uma obra que tenha lido de Machado de Assis para responder as perguntas posteriores de número 4 a 15:

4) Em que ano leu a obra citada na questão anterior?

5) Em que espaço realizou a leitura dessa obra:

a) Na escola ( );

b) Em sua casa ( );

c) Na casa de amigos ( );

d) No trabalho ( );

e) Outro lugar ( ).

6) Ao ler o livro teve o hábito de:

a) Iniciar a leitura do livro pelo primeiro capítulo, sem ler os prefácios e introduções( );

b) Antes de iniciar a leitura, analisar a capa, os prefácios e as introduções ( );

c) Ler primeiramente o resumo da obra ( ).

7) Ao ler o livro teve o hábito de recorrer ao dicionário, fazer anotações em folhas, pesquisando e procurando entender a obra?

a) Sim ( ) b) Não ( )

8) Identificou-se com alguma personagem que o levou a repensar sua visão de mundo?

a) Sim ( ) b) Não ( )

9) Qual (is) personagem (ns) se identificou?

10) Como leu a obra?

a) livro todo ( );

b) algumas partes ( );

c) resumo da obra ( ).

11) O livro lhe pareceu:

a) Facilmente compreensível ( );

b) Razoavelmente compreensível ( );

c) Difícil, distante da minha realidade ( ).

12) Gostaria de ler novamente a obra:

a) Sim ( );

b) Não ( );

c) Talvez ( ).

13) Justifique a resposta anterior (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas)

14) Como você define o escritor Machado de Assis? Justifique sua resposta (espaço concedido ao leitor para resposta - cinco linhas).

15) O conceito que você tem sobre o escritor Machado de Assis se deve:

a) À leitura desta obra ( );

b) Ao professor, aos livros ( );

c) À mídia (televisão, jornal, internet etc) ( ).

16) O que a literatura representa para você? (espaço concedido ao leitor para resposta – meia página)

## ANEXO 4 - Questionário - Biblioteca



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus Três Lagoas  
Mestrado em Letras

### Orientações para responder o questionário

- a. Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a percepção do leitores sobre a leitura das obras de Machado de Assis. Como as bibliotecas, enquanto espaço de leitura, contribuem para o processo de formação do leitor, procuramos também analisá-las em nossa pesquisa;
- b. Não é propósito desta pesquisa desprestigiar o leitor, as bibliotecas, mas sim procurar compreender com mais propriedade a leitura;
- c. O nome e as respostas do auxiliar de biblioteca serão preservados em sigilo;
- d. O questionário se divide em perguntas objetivas, devendo o auxiliar assinalar somente uma alternativa, e algumas questões dissertativas nas quais pretendemos expressão espontânea do leitor;
- e. A contribuição do auxiliar de biblioteca é muito importante, pela qual agradecemos especialmente.

- 1) Nome da Biblioteca-
- 2) Localização-
- 3) Acervo total da biblioteca-
- 4) Obras de Machado de Assis existentes no acervo-
- 5) A biblioteca tem recebido com frequência novos livros para o acervo?
- 6) Quando recebeu a última remessa de livros?
- 7) Nessa remessa estava incluída alguma obra de Machado de Assis?
- 8) Qual (is)?
- 9) A biblioteca recebe sugestão de títulos para aquisição?

Sim ( ) Não ( )

- 10) Em relação à pergunta posterior, a biblioteca tem atendido a essas solicitações?  
Justifique a resposta. (espaço concedido ao auxiliar – cinco linhas)

11) Qual sua formação profissional enquanto auxiliar de biblioteca? Funcionário graduado em biblioteconomia, professor readaptado, voluntário ou outra especificação?

12) Há quanto tempo trabalha na biblioteca?

13) Fez cursos de aperfeiçoamento?

14) Caso a resposta anterior seja afirmativa, quando frequentou o último curso de aperfeiçoamento?

15) Com que frequência os professores procuram retirar obras pertencentes à chamada literatura clássica:

a) Sempre ( );

- b) Às vezes ( );
- c) Raramente ( ).

16) Justifique a resposta anterior (espaço concedido ao auxiliar – cinco linhas).

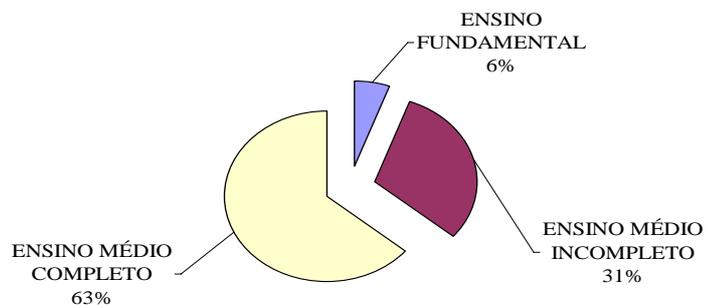
17) Antes de indicar a leitura aos alunos, o professor confere com o auxiliar de biblioteca se há número suficiente para atendê-los?

- a) Todos ( );
- b) Alguns ( );
- c) Nenhum ( ).

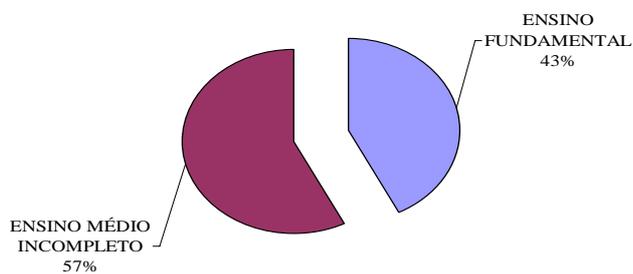
## ANEXO 5 - Resultado do Questionário - Leitor Formal

### 1)Escolaridade

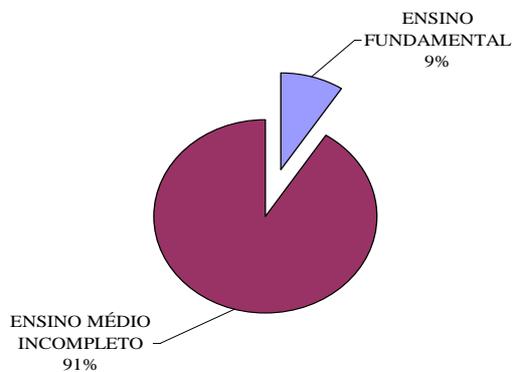
#### BIBLIOTECA MUNICIPAL



#### BIBLIOTECA ESTADUAL

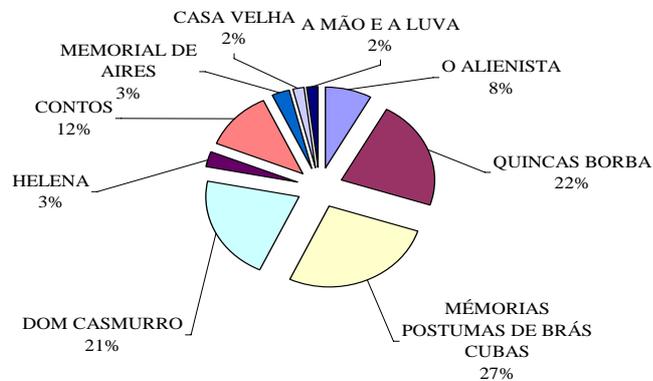


#### BIBLIOTECA PARTICULAR

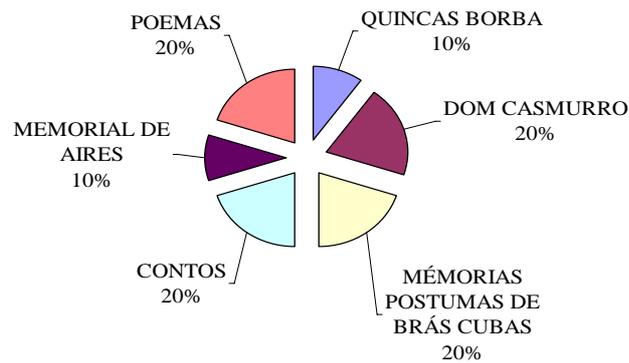


## 2) Qual (is) obra de Machado de Assis você leu?

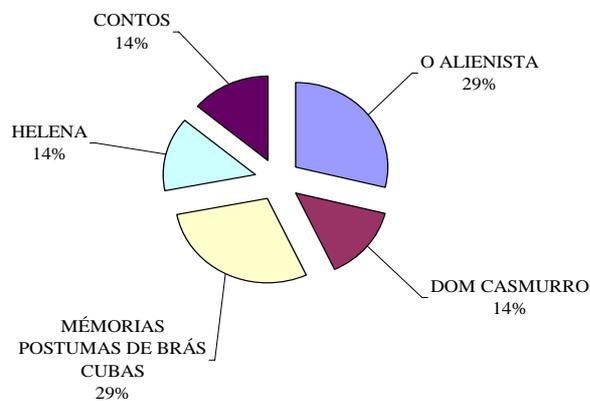
### BIBLIOTECA MUNICIPAL



### BIBLIOTECA ESTADUAL

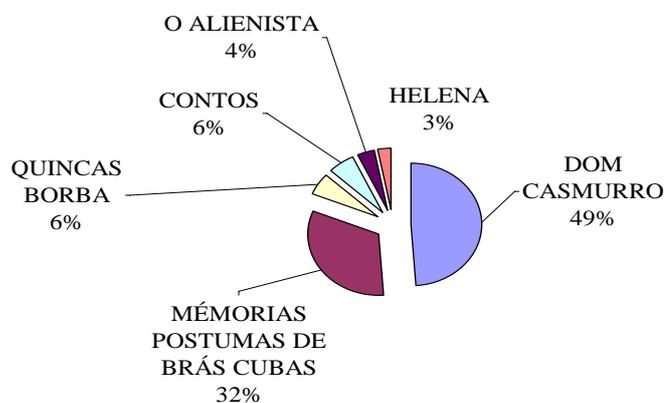


### BIBLIOTECA PARTICULAR

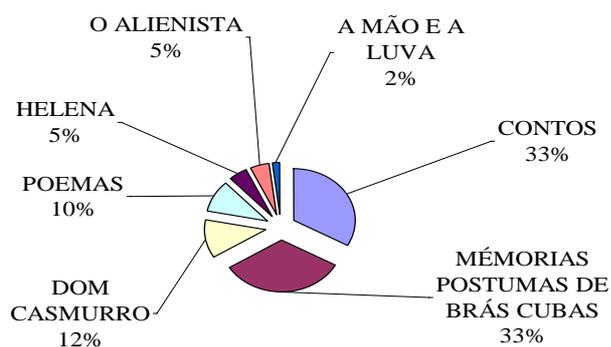


3) Cite apenas uma obra que tenha lido de Machado de Assis para responder as perguntas posteriores de número 4 a 20.

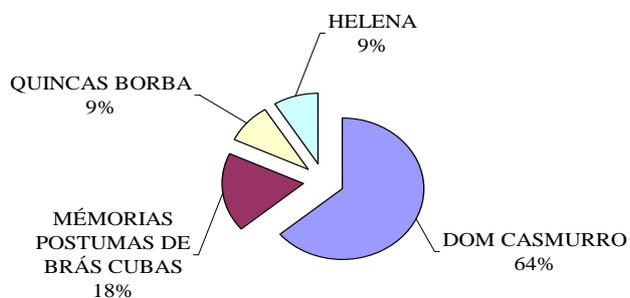
#### BIBLIOTECA MUNICIPAL

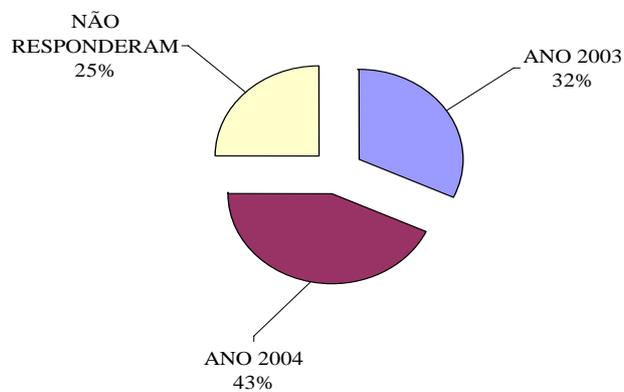
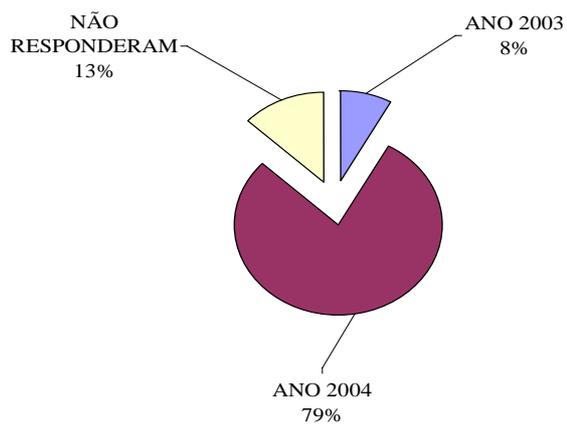
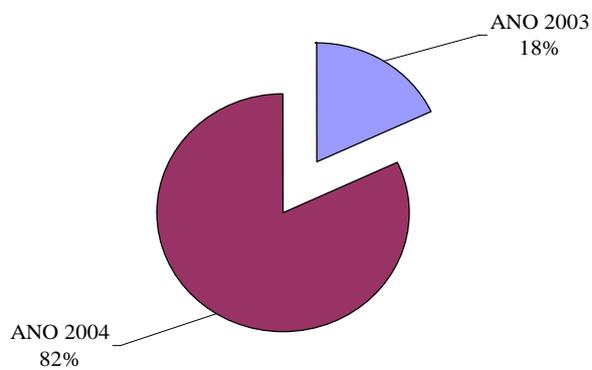


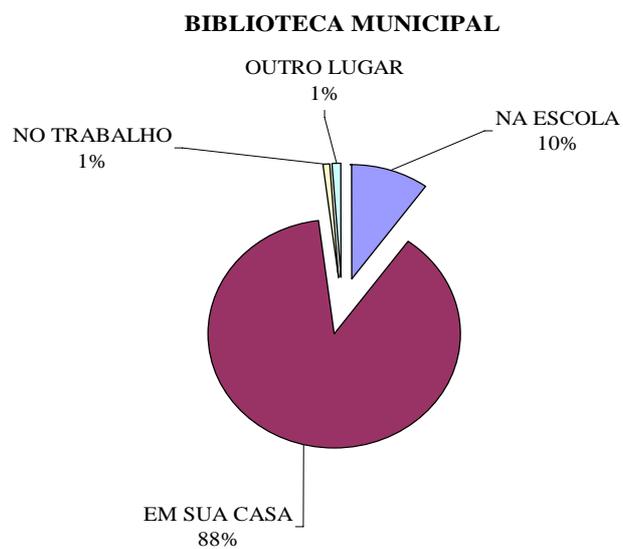
#### BIBLIOTECA ESTADUAL



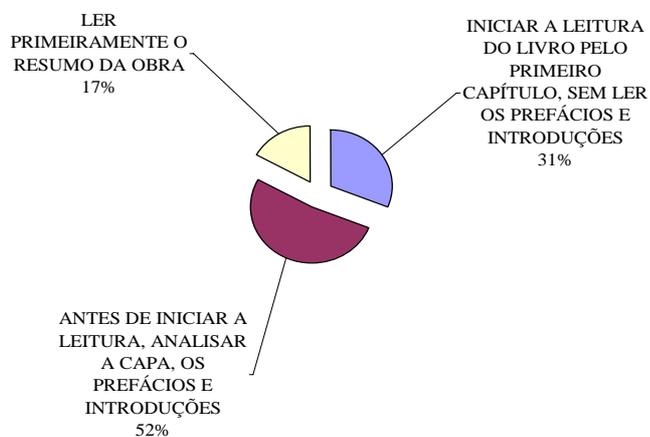
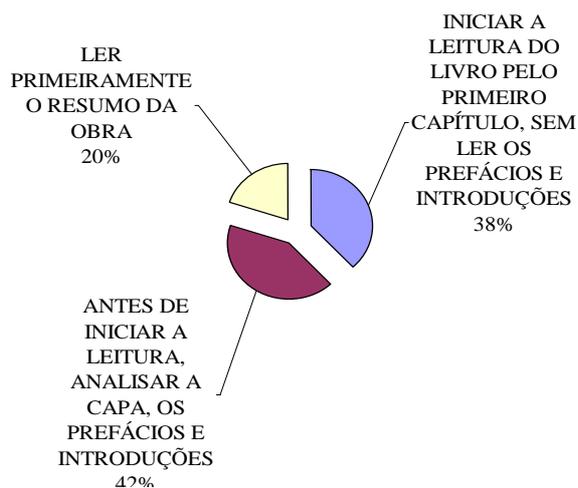
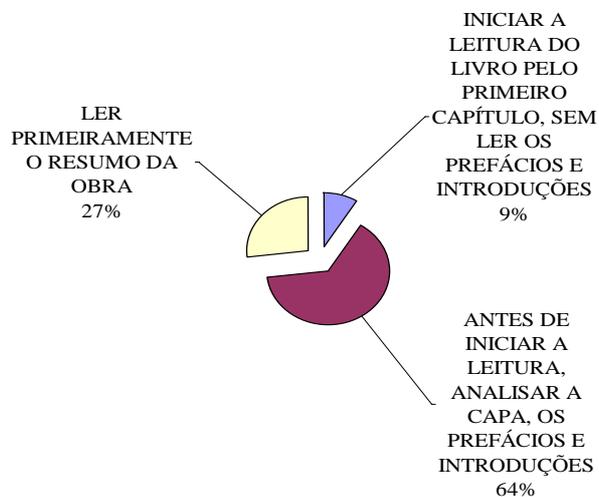
#### BIBLIOTECA PARTICULAR



**4) Em que ano leu a obra citada na questão anterior?****BIBLIOTECA MUNICIPAL****BIBLIOTECA ESTADUAL****BIBLIOTECA PARTICULAR**

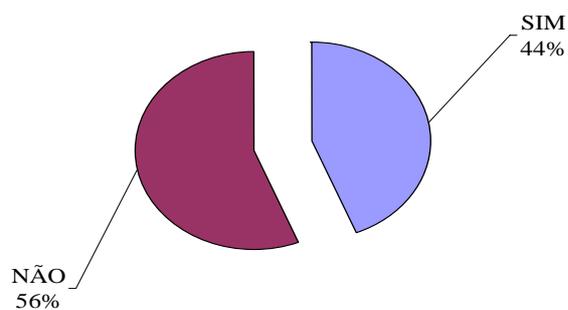
**5) Em que espaço realizou a leitura dessa obra?****BIBLIOTECA PARTICULAR**

## 6) Ao ler o livro teve o hábito de:

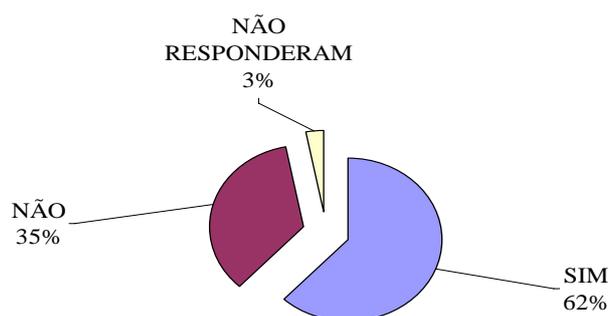
**BIBLIOTECA MUNICIPAL****BIBLIOTECA ESTADUAL****BIBLIOTECA PARTICULAR**

**7) Ao ler o livro teve o hábito de recorrer ao dicionário, fazer anotações em folhas, pesquisando e procurando compreender a obra?**

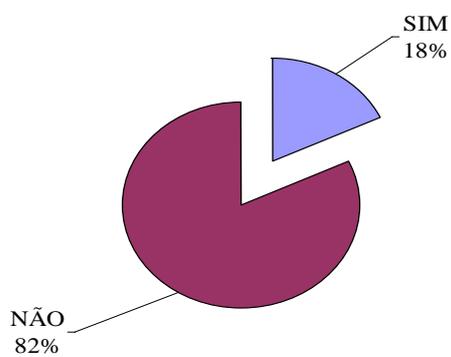
**BIBLIOTECA MUNICIPAL**



**BIBLIOTECA ESTADUAL**

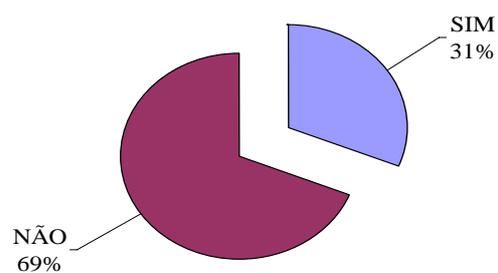


**BIBLIOTECA PARTICULAR**

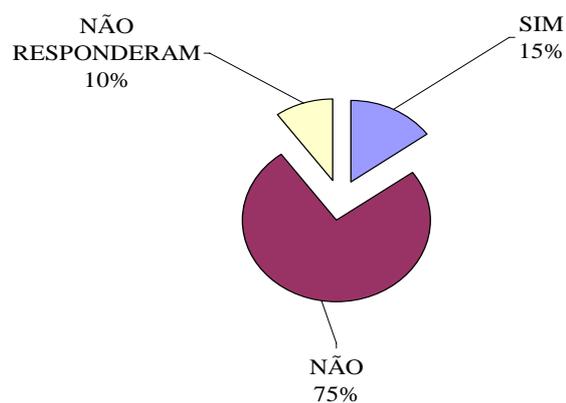


8) Identificou-se com alguma personagem que o levou a repensar a sua visão de mundo?

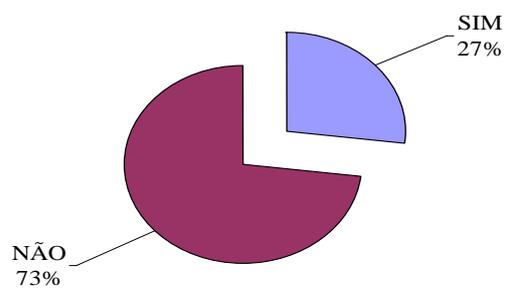
**BIBLIOTECA MUNICIPAL**

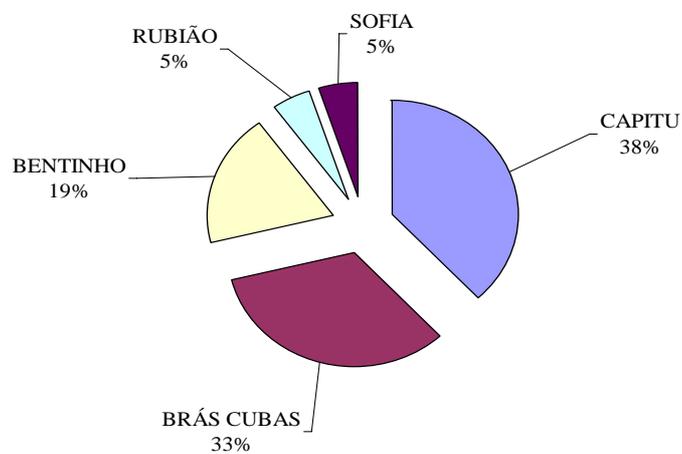
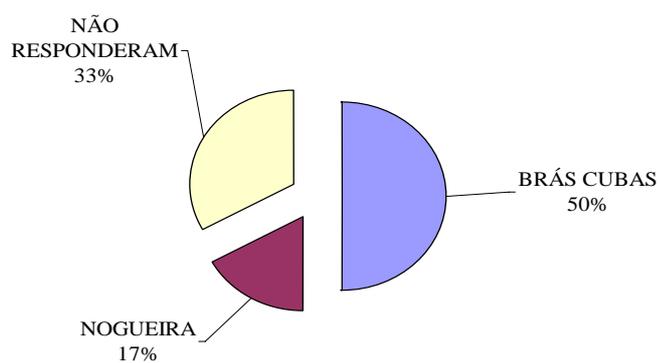
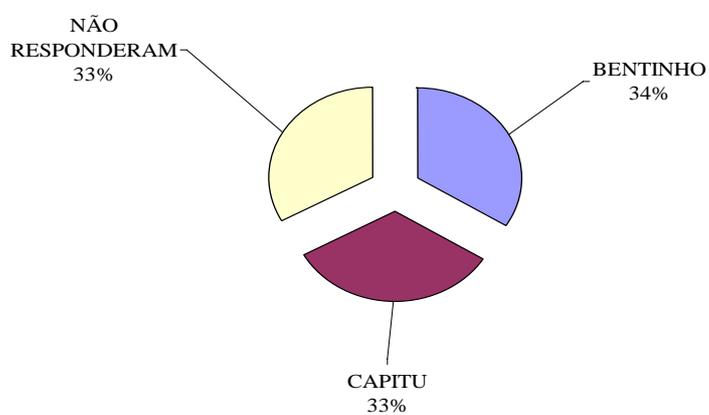


**BIBLIOTECA ESTADUAL**



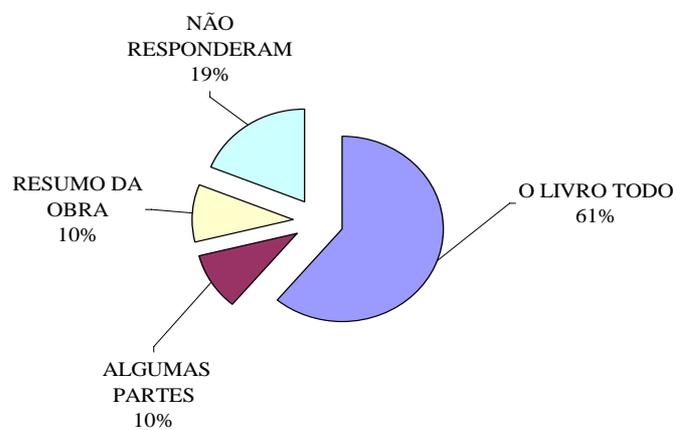
**BIBLIOTECA PARTICULAR**



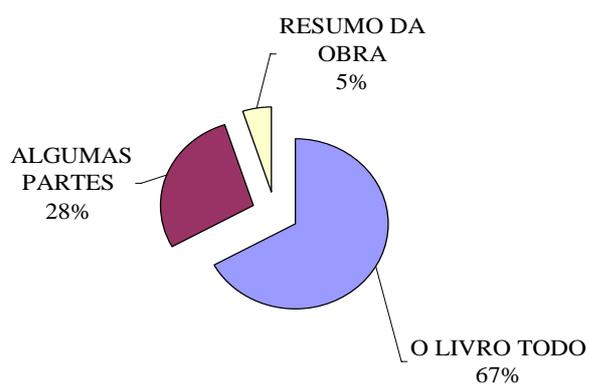
**9) Qual (is) personagem (ns) se identificou?****BIBLIOTECA MUNICIPAL****BIBLIOTECA ESTADUAL****BIBLIOTECA PARTICULAR**

## 10) Como leu a obra?

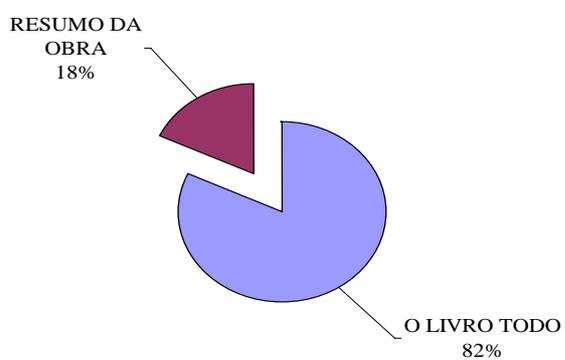
### BIBLIOTECA MUNICIPAL



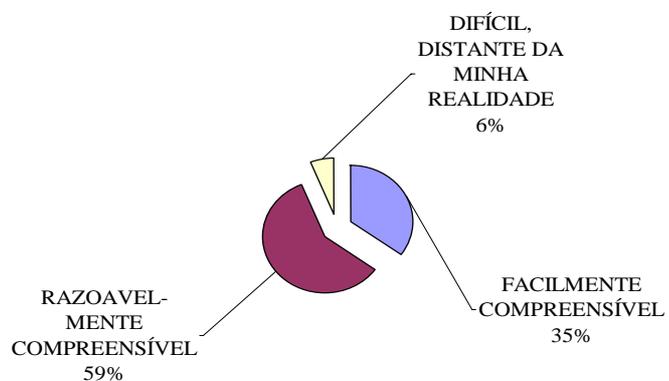
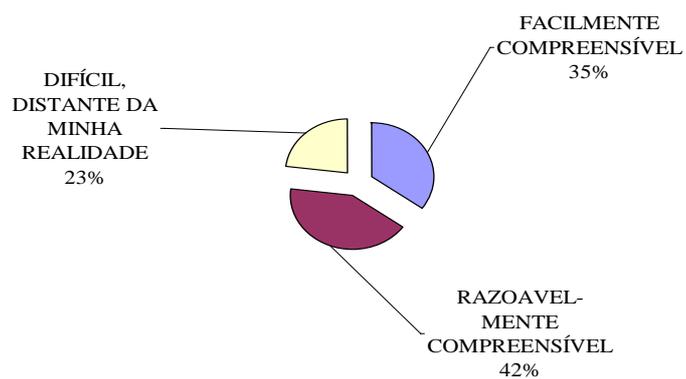
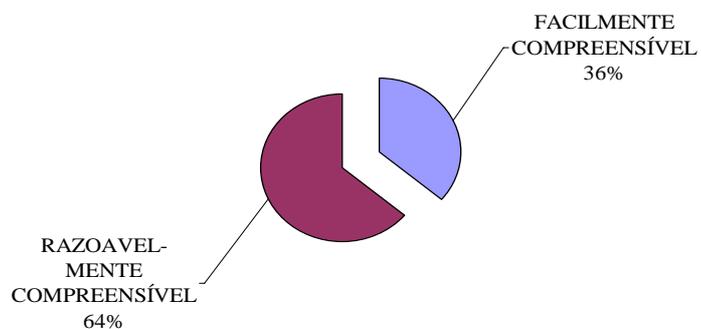
### BIBLIOTECA ESTADUAL

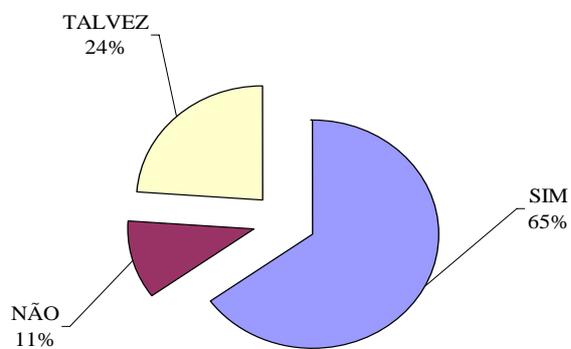
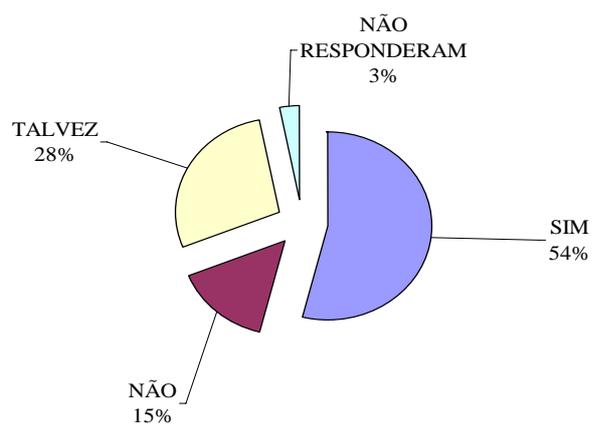
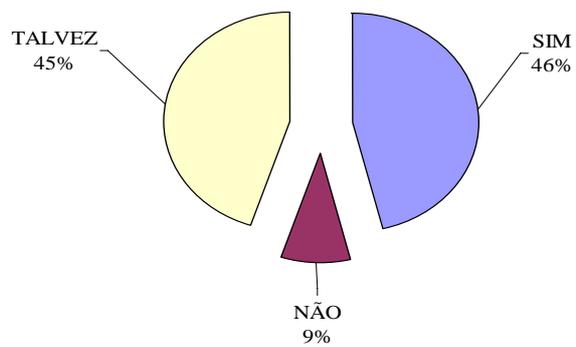


### BIBLIOTECA PARTICULAR



## 11) O livro lhe pareceu?

**BIBLIOTECA MUNICIPAL****BIBLIOTECA ESTADUAL****BIBLIOTECA PARTICULAR**

**12) Gostaria de reler a obra?****BIBLIOTECA MUNICIPAL****BIBLIOTECA ESTADUAL****BIBLIOTECA PARTICULAR**

### 13) Justifique a resposta anterior.

A leitura da obra machadiana traz a cada nova leitura uma viagem interpretativa diferente (A. C. S. – biblioteca pública municipal).

Gostaria de ler novamente, pois é uma obra que conta fatos da nossa história (F. S. S. – biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira).

O livro ficaria mais fácil de entender lendo pela segunda vez (S.A.J.R. – biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana).

Para saber mais das obras do escritor (T.A.E. – biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters).

Gosto de ler algumas obras mais de uma vez porque assim podemos entender melhor o livro e relacioná-la com o estudo da escola (R.P.P. – biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory).

Porque eu achei muito interessante e me agradou muito. Gostaria, por isso, de reler o livro (T.M.S.S. – biblioteca pública estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice).

Achei interessante a linguagem e acredito que os livros cada vez que são relidos nos transmitem mensagens diferentes, levando-nos a pensar em várias partes de nossa vida (S. D. G – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Gostaria de ler novamente a obra para poder compreendê-la melhor (M.M.T. – biblioteca particular Oceu-Positivo).

### 14) Como você define o escritor Machado de Assis? Justifique sua resposta.

Sério. O autor possui uma escrita difícil e complicada (F.S.S. - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira).

Eu acho que não tem como definir Machado de Assis com uma única característica, pois a meu ver, o autor é uma mistura, ao mesmo tempo em que fala sério, ironiza, acaba brincando (S.L.L. – leitor formal - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana).

Um estilo de escrever que mistura seriedade com ironia (L.C P - biblioteca estadual Prof. Adelino Peters).

Não muito claro na sua maneira de escrever, estranho (P.M.P.S. - biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory).

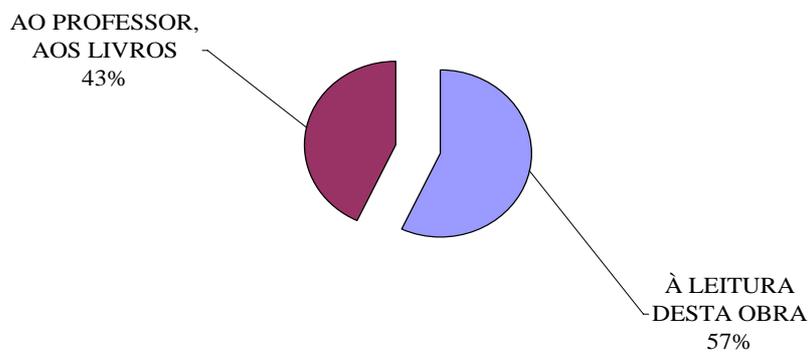
Sério, pois o autor é muito correto e sincero em suas obras (T.M.S.S. Leitor Formal – biblioteca estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice).

Eu defino o escritor Machado de Assis como um mestre na observação psicológica, com estilo sarcástico inconfundível (T.C. leitor formal – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

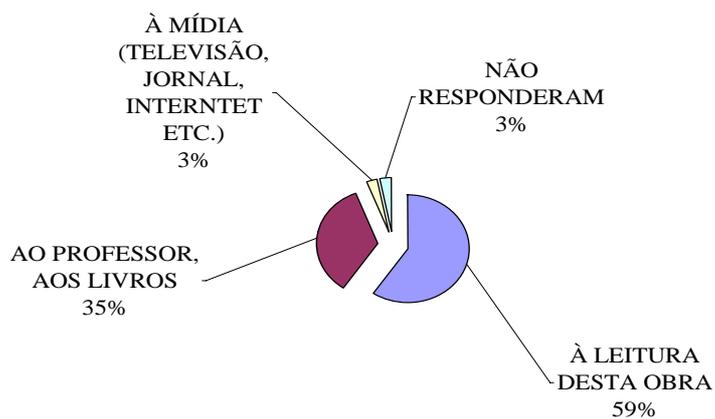
Sisudo (R.S.M. – leitor formal - biblioteca particular Oceu-Positivo ).

15) O conceito que você tem sobre o escritor Machado de Assis se deve:

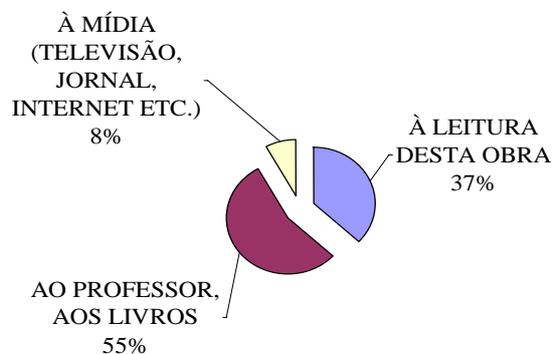
### BIBLIOTECA MUNICIPAL



### BIBLIOTECA ESTADUAL

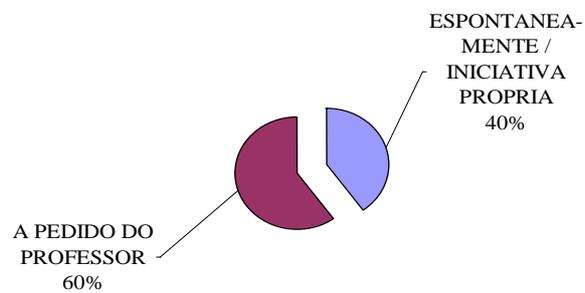


### BIBLIOTECA PARTICULAR

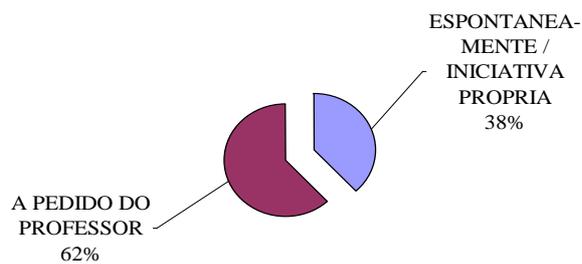


## 16) Por que leu esta obra?

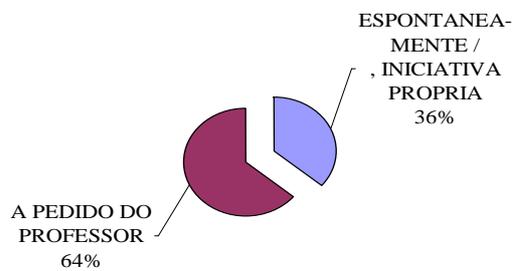
### BIBLIOTECA MUNICIPAL



### BIBLIOTECA ESTADUAL

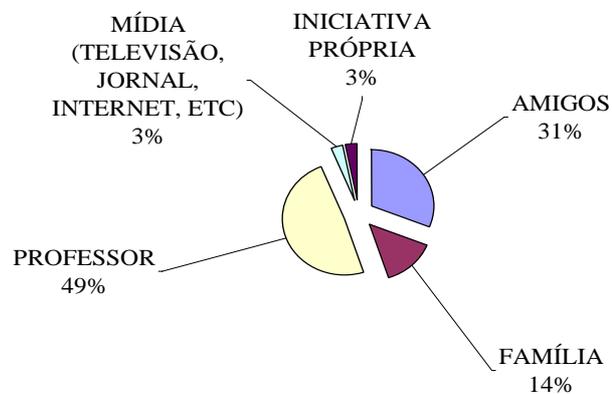


### BIBLIOTECA PARTICULAR

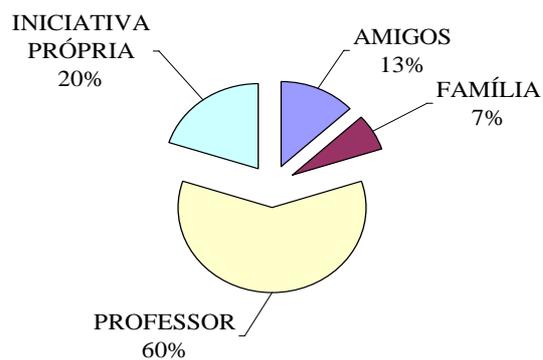


**17) Se a leitura foi espontânea, o que levou a procurar o livro:**

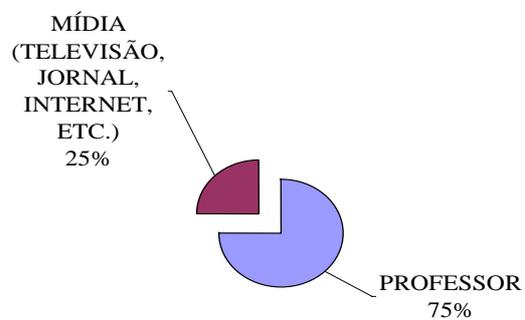
**BIBLIOTECA MUNICIPAL**



**BIBLIOTECA ESTADUAL**

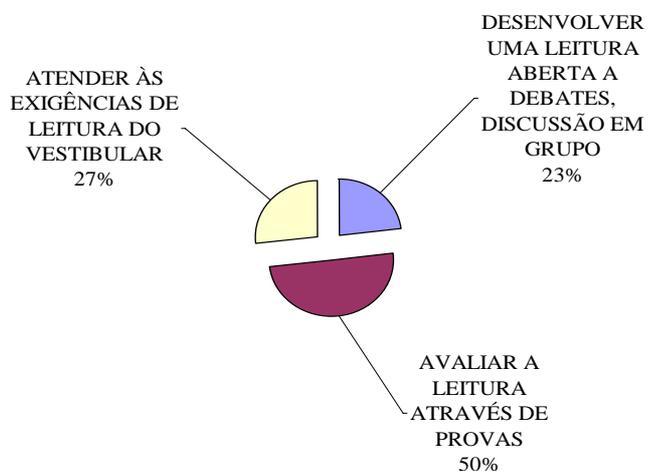


**BIBLIOTECA PARTICULAR**

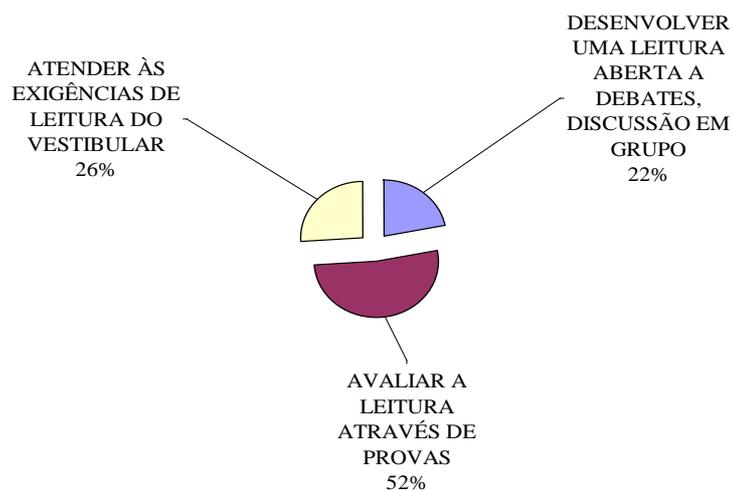


**18) Se a leitura foi a pedido do professor, seu objetivo era:**

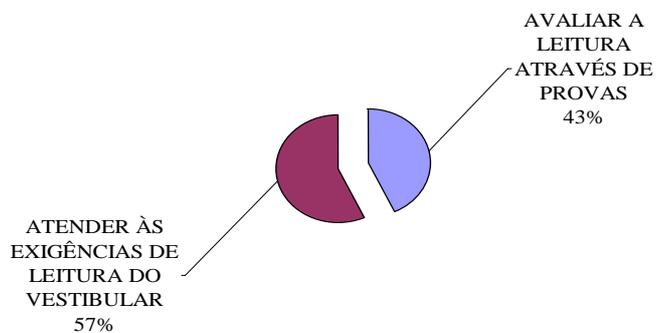
**BIBLIOTECA MUNICIPAL**



**BIBLIOTECA ESTADUAL**

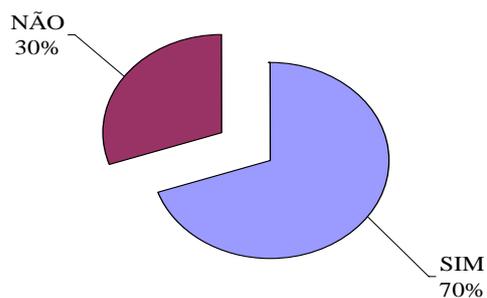


**BIBLIOTECA PARTICULAR**

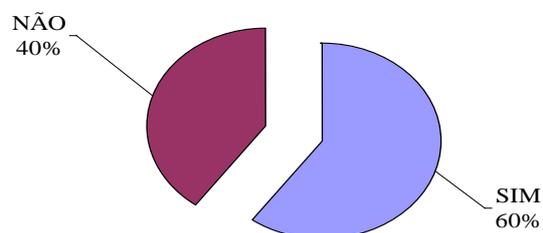


19) Seu professor de português comentou, antes da leitura da obra indicada, os elementos estruturais do texto literário (foco narrativo, tempo, espaço etc.).

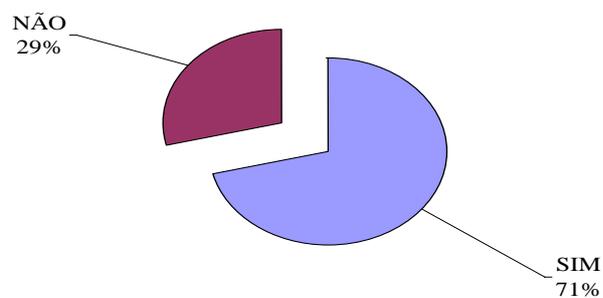
#### BIBLIOTECA MUNICIPAL



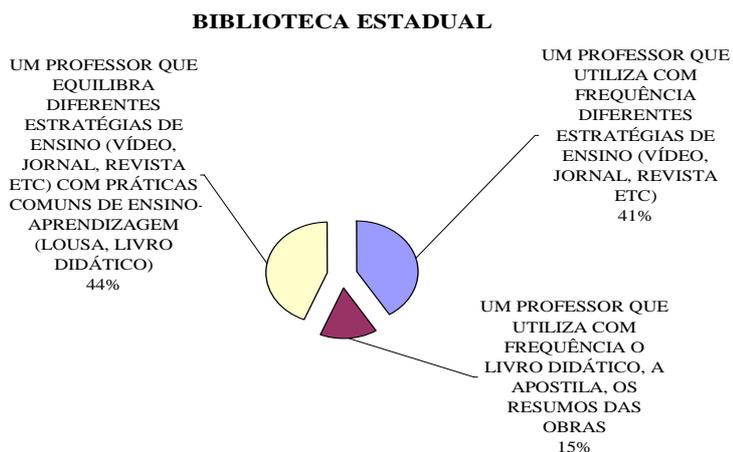
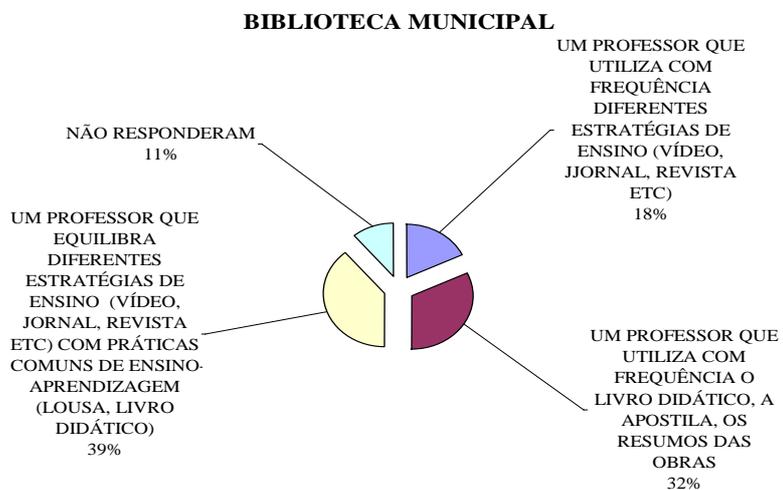
#### BIBLIOTECA ESTADUAL

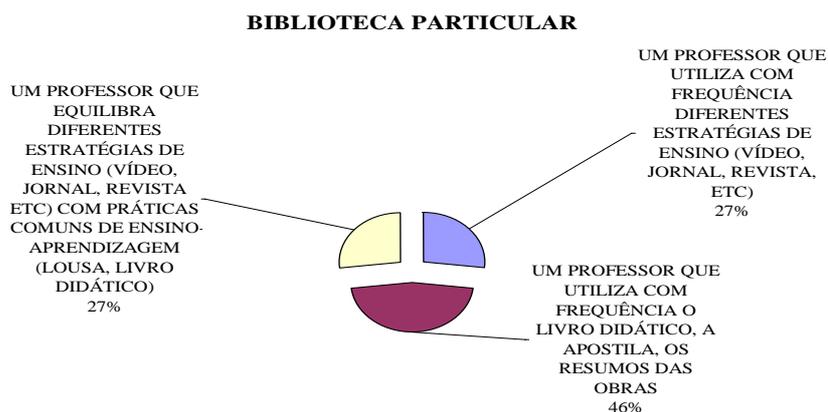


#### BIBLIOTECA PARTICULAR



20) Em relação às aulas ministradas pelo seu professor é possível observar:





## 21) O que a literatura representa para você?

A literatura é uma forma excelente para aperfeiçoar a língua, para desenvolver a capacidade crítica e, acima de tudo, uma valiosa fonte de cultura (A.M.I. – biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci).

A literatura é uma forma de viajar no tempo, significa um vasto conhecimento da época. Contribui também para desenvolver o vocabulário, conhecer expressões usadas antigamente (F.S.S. - biblioteca estadual Profª. Anésia Vince Ferreira).

É a expressão dos escritores, como era a época em que viviam, os seus sentimentos. A literatura é um meio de compreender a sociedade da época estudada. Ela contribui para o aumento do meu conhecimento (S.A.J.R. – biblioteca estadual Profª. Maria Tereza Alves Viana).

A literatura é uma estrutura escolar que serve para conhecermos novas palavras, desperta a imaginação, nos faz viajar quando lemos (F.M.S. - biblioteca estadual Prof. Adelino Peters).

Através da literatura a gente aprende mais e fica conhecendo autores famosos e inesquecíveis da literatura (J.A.S. - biblioteca estadual Profª. Maria Luiza Bernardes Nory).

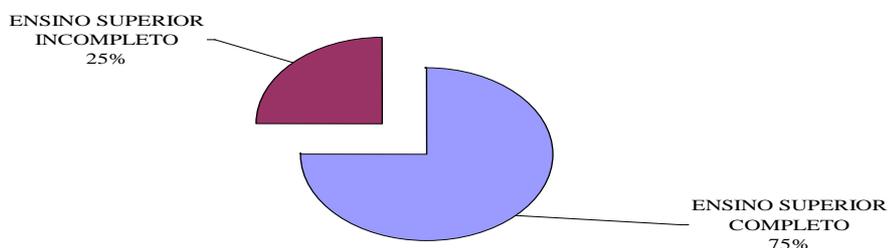
Eu vejo a literatura como algo importante para mim, que vai me ajudar tanto na escola como na vida, me ajudando a desenvolver meu lado crítico (E.M.B. - biblioteca estadual Profª. Ester Eunice).

Vejo a literatura como meio de ligação com a história, que precisa ser entendida para que se possa compreender o presente e o futuro (D.V.T. – biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

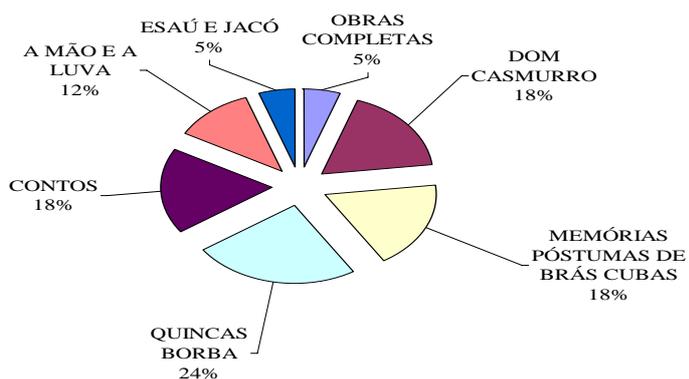
A literatura nos ajuda a saber como as pessoas viviam e pensavam. Ela é muito significativa, pois sabendo como as pessoas viviam, saberemos como devemos viver, e o que fazer para a nossa vida ser melhor ( M.M.T. – biblioteca particular Oceu-Positivo).

## ANEXO 6 - Resultado do Questionário - Leitor Informal

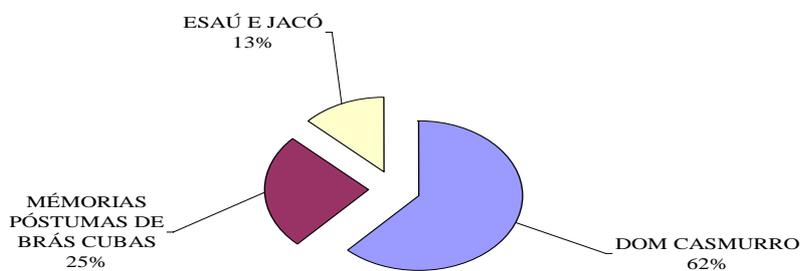
### 1) Escolaridade



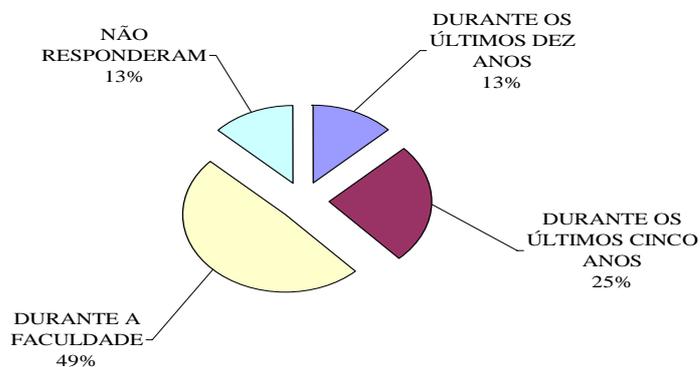
### 2) Qual (is) obra de Machado de Assis você leu?



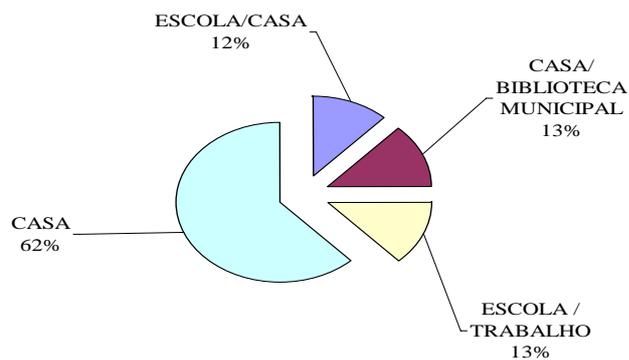
3) Cite apenas uma obra de Machado de Assis que tenha lido para responder as perguntas posteriores:



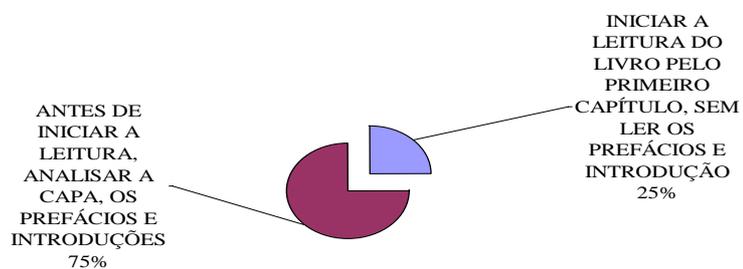
**4) Em que ano leu a obra citada na questão anterior?**



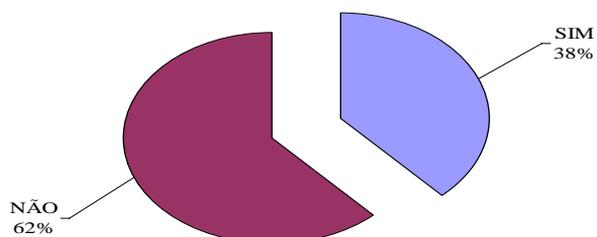
**5) Em que espaço realizou a leitura dessa obra?**



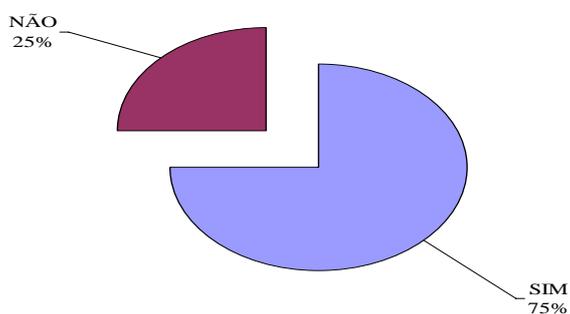
**6) Ao ler o livro teve o hábito de:**



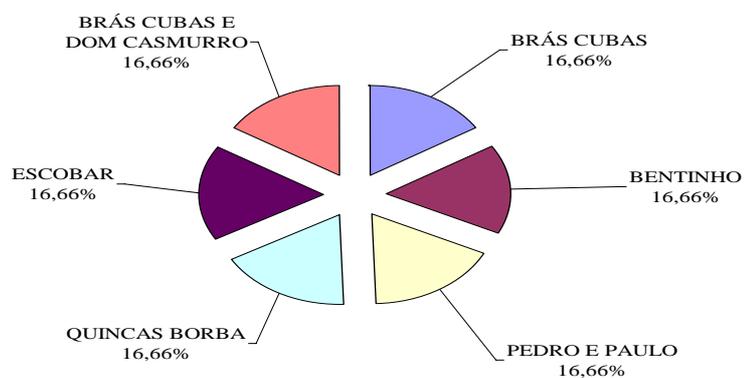
7) Ao ler o livro teve o hábito de recorrer ao dicionário, fazer anotações em folhas, pesquisando e procurando a obra?

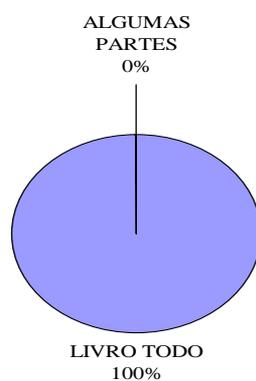
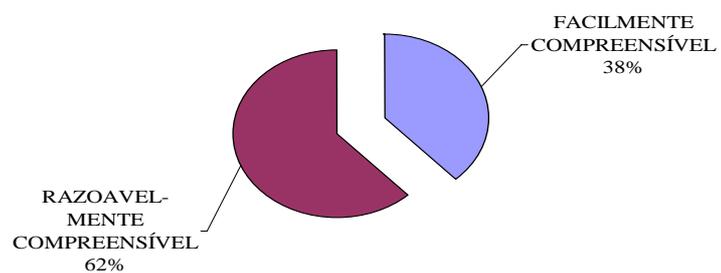
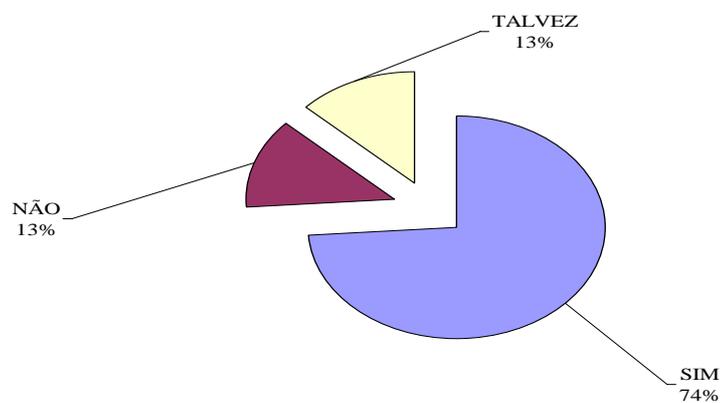


8) Identificou-se com alguma personagem do livro que o levou a repensar sua visão de mundo?



9) Qual (is) personagem (ns)?



**10) Como leu a obra?****11) O livro lhe pareceu?****12) Gostaria de ler novamente a obra?**

### 13) Justifique a resposta anterior

A maioria dos livros mais importantes de Machado de Assis li e reli várias vezes. Não pretendo reler novamente (S.P.P.).

A capacidade de levar o leitor para dentro da obra (N.M.L.).

Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo o romance *Esau e Jacó* (G.A.B.S.).

À medida que se tem prazer em fazer algo, é natural que se busque repetir (A.P.A.F.).

Embora a obra *Dom Casmurro* tenha sido escrita na segunda metade do século XIX, a história de Bentinho e Capitu continua atual, a amiúde encontram-se casos similares onde a dúvida, o ciúme, a fraqueza humana, a falta de isenção na análise dos fatos, levam a equivocadas conclusões da realidade, ocasionando, por vezes, graves conseqüências (A.J.A.).

A obras de Machado de Assis são atemporais, são clássicas, no sentido de sua universalidade e perenidade. A cada nova leitura, novas redescobertas (J.P.G.).

Gostei muito da obra *Dom Casmurro*. Machado de Assis usa muitas metáforas e isso faz com que a obra seja interessante, permitindo diferentes e singulares leituras (A.M.F.A.).

A releitura de obras-primas é sempre necessária (C.D.B.N.).

### 14) Como você define o escritor Machado de Assis? Justifique sua resposta.

Machado de Assis foi uma pessoa que buscou desmascarar a hipocrisia de seu tempo. Homem de vasta cultura, sua obra conta com várias camadas de significados psicológica, sociológica, estilística, estética etc (S.P.P.).

Enquanto pessoa um obstinado, dotado de uma incrível capacidade de superação. Quanto ao escritor, um gênio de raça, pois conseguiu reunir equilíbrio, simplicidade, elegância, humor refinado (N.M.L.).

Revolucionário e conservador. O primeiro pode ser compreendido através de seus escritos que mudou a forma de se ver o Brasil a partir da literatura. Conservador porque apesar da amplitude de suas obras, Machado não foi uma pessoa engajada em movimentos sociais existentes no Brasil no final do século XIX (G.A.B.S.).

Até os seus quarenta e dois anos Machado de Assis foi um escritor mediano morando em um país qualquer da América do Sul. A partir do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis revela-se um gênio universal, um grande escritor (A.P.A.F.).

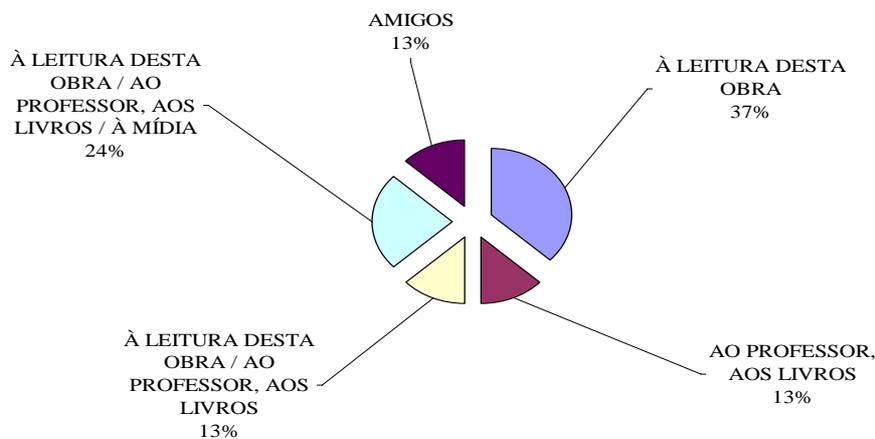
Escritor que trata de temas universais, que mexem com o psicológico das pessoas. Com estilo próprio, objetivo, sem muitos adjetivos, mas com muita ironia e humor, valendo-se de personagens retirados das entranhas da sociedade brasileira de sua época, sua maneira de ser, agir, pensar, seus costumes, construir uma obra imortal de nossa literatura e a par disso, Machado de Assis é referência em todos os livros de gramática publicados em Língua Portuguesa (A.J.A)

É nosso escritor realista por excelência. O realismo da psique humana, em todas as suas manifestações e nuances (J.P.G.)

Machado de Assis possuía uma maneira única de escrever, suas obras são arte de melhor qualidade (A.M.F.A.).

Um escritor fino, elegante. Narrador sutil. Construtor de caracteres inesquecíveis como algumas personagens da literatura mundial (C. D. B. N.).

### 15) O conceito que você tem sobre o escritor Machado de Assis se deve:



### 16) O que a literatura representa para você?

A literatura permite que entremos em contato com outras vidas, com outras formas de vivências. Mas para mim, o mais importante é o simples prazer da leitura (S.P.P.).

Como uma fonte perene de conhecimento capaz de expor o ser humano na sua mais pura essência. Muitos livros e suas personagens são reflexos daquilo que somos ou gostaríamos de ser. Em vários momentos de nossas vidas nos pegamos frente a frente com situações que nos fazem lembrar esse ou aquele livro com seus personagens e, se não agimos como eles, ao menos temos vontade de fazê-lo (N.M.L.).

Apesar de ser sociólogo acredito que a literatura tem a capacidade de mostrar a realidade, suas aparências e sua essência, sem que o autor esteja engajado em questões políticas. Alguns escritores como Machado de Assis e Lima Barreto conseguiram mostrar de maneira sutil e perspicaz como era o Brasil no final do século XIX. Goethe também, a seu modo próprio, conseguiu mostrar a Alemanha quando era uma série de reinos isolados pela Prússia (G.A.B.S).

A literatura, assim como as outras formas de expressão artística, é capaz de nos levar a vivenciar experiências além do limite de tempo espaço. Se de um lado a grande literatura busca expressar o inefável; do outro imprime no leitor percepções, pensamentos, ansiedade, ponto de vista que transcendem o mundo pragmático, cotidiano, mesquinho até de nossas "vidas". Acredito que a literatura, enquanto experiência, seja de criação ou fruição pura e simples, tem como objetivo (o que não exclui, de forma alguma, o prazer) elevar o ser humano (A.P.A.F.).

Não respondeu (A.J.A.).

A literatura para mim é seiva. Alimento espiritual. Lazer. Fruição. Formação. Apreensão de mundo (J.P.G.).

Leio todos os dias trecho de um livro, de uma revista, de um jornal, isso permite o hábito da leitura e se livrar do stress (A.M.F.A).

Imprescindível para a educação, ampliação do horizonte cultural e preparação para a vida. Grande instrumento de orientação ética e espiritual para minha vida (C.D.B.N.).

## ANEXO 7 - Resultado do Questionário - Biblioteca

### 1) Nome da Biblioteca – 2) Localização.

	Nome da Biblioteca	Localização
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	Rua Irmãos Crisóstomos de Oliveira, 333, Centro.
Pública Estadual	Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira	Praça Dr. Carlos Sampaio Filho, 40, Centro.
	Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana	Rua Bahia, 153, Vila Fátima.
	Prof. Adelino Peters	Rua Antonio Define, 1280, Vila Aparecida
	Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory	Rua Joaquim Buranello, 40, Jardim Eldorado.
	Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice	Rua Gaete, 513, Vila Joaquim
Particular	Educandário Coração de Maria	Avenida Olsen, 522, Centro
	Oceu- Positivo	Rua Cunha Cintra, 120, Centro.

### 3) Acervo total da biblioteca:

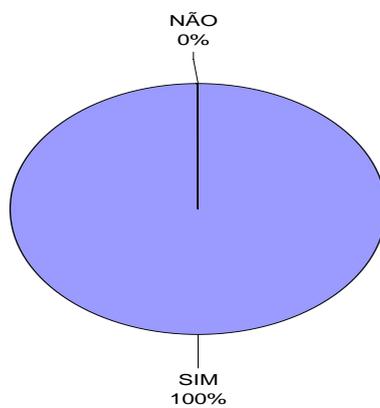
	<b>Biblioteca</b>	<b>Acervo (títulos)</b>
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	25.000
	Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira (Escola Estadual Dr. Carlos Sampaio Filho)	39.000
	Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana possui (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Yone Dias de Aguiar)	25.780
	Prof. Adelino Peters (Escola Estadual Prof. Adelino Peters)	18.290

Pública Estadual	Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory)	7.000
	Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice)	6.500
Particular	Educandário Coração de Maria (Colégio Sagrado Coração de Maria)	25.000
	OCEU-Positivo Colégio OCEU-Positivo	80

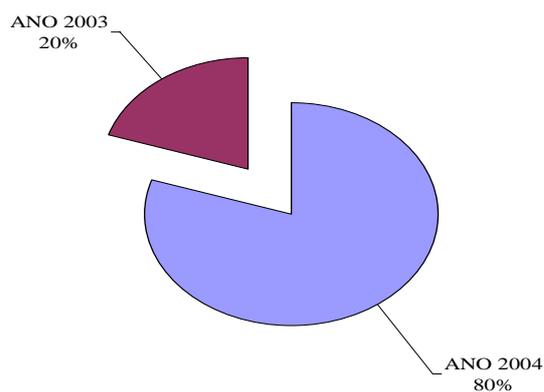
#### **4) Obras de Machado de Assis existentes no acervo**

	<b>Biblioteca</b>	<b>Acervo (títulos)</b>
Pública Municipal	Prof. Sud Menuci	220
Pública Estadual	Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira (Escola Estadual Dr. Carlos Sampaio Filho)	170
	Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Yone Dias de Aguiar)	114
	Prof. Adelino Peters (Escola Estadual Prof. Adelino Peters)	115
	Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory)	20
	Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice (Escola Estadual Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice)	45
Particular	Educandário Coração de Maria (Colégio Sagrado Coração de Maria)	90
	Oceu-Positivo (Colégio Oceu-Positivo)	27

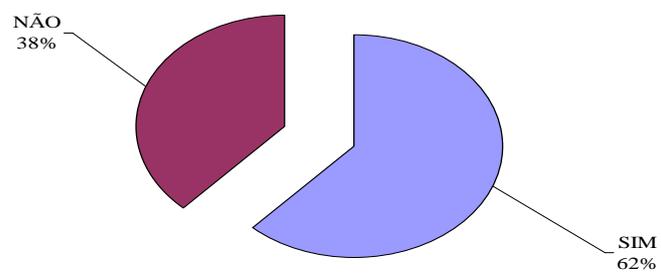
5) A biblioteca tem recebido com frequência novos livros para o acervo?



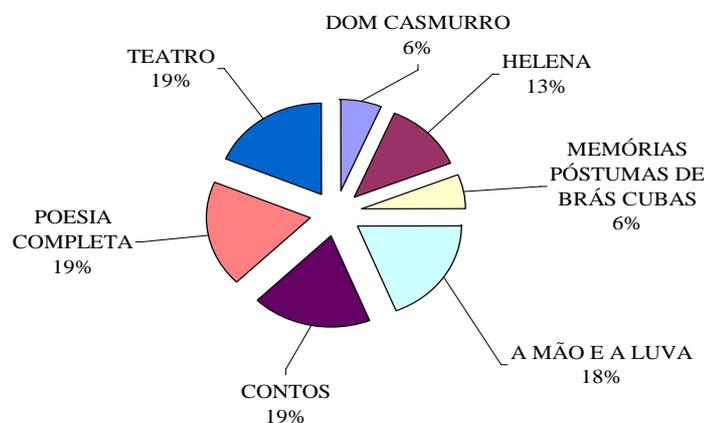
6) Quando recebeu a última remessa de livros?



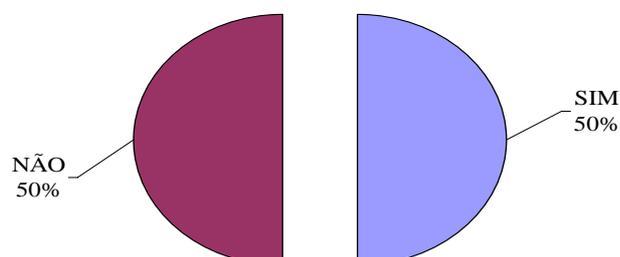
7) Nessa remessa estava incluída alguma obra de Machado de Assis?



### 8) Qual (is)?



### 9) A biblioteca recebe sugestão de títulos de livros para aquisição?



### 10) Em relação à pergunta anterior, a biblioteca tem atendido a essas solicitações? Justifique a resposta.

Sim. Temos procurado atender os usuários. Essas solicitações se referem aos últimos lançamentos de best-sellers, ficção científica (biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci).

A biblioteca não compra livros. A Secretaria Estadual da Educação envia e quando pedem sugestão, nós indicamos os mais solicitados (biblioteca pública estadual Prof.<sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira).

Não respondeu (biblioteca estadual Prof.<sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana).

Não atendemos às solicitações, pois a aquisição de novos livros cabe somente à direção da escola (biblioteca pública estadual Prof. Adelino Peters)

Temos recebido sugestão de títulos, mas não podemos atender, pois recebemos da S.E.E. (biblioteca pública estadual Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory).

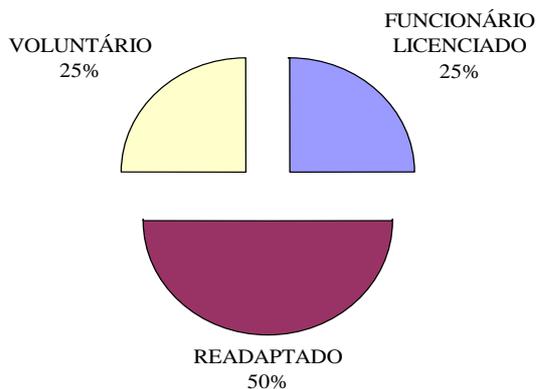
Não recebemos sugestão. Os livros são enviados pela S.E.E. (biblioteca pública estadual Prof.<sup>a</sup> Ester Eunice ).

Sim. Os livros são, em sua maioria, indicados pelos professores e coordenadores. Livros para vestibular (biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Não recebo sugestão (biblioteca particular Oceu-Positivo).

### 11) Qual sua formação profissional enquanto auxiliar de biblioteca?

**Funcionário graduado em biblioteconomia, professor readaptado, voluntário ou outra especificação.**

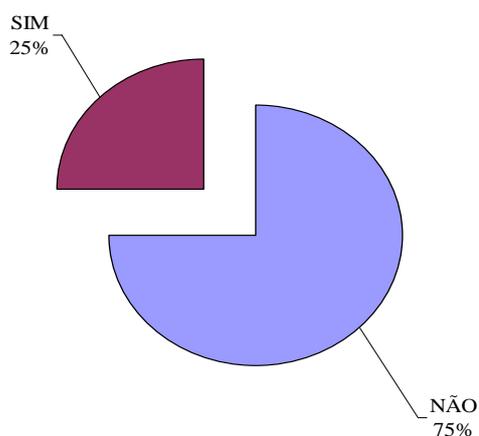


### 12) Há quanto tempo trabalha na biblioteca?

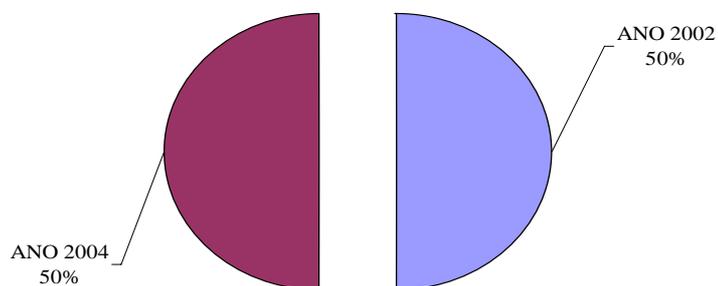
	Nome da Biblioteca	Tempo
Pública Municipal	Professor Sud Menuci	23 anos
Pública Estadual	Prof. <sup>a</sup> Anésia Vince Ferreira	20 anos
	Prof. <sup>a</sup> Maria Tereza Alves Viana	2 meses
	Prof. Adelino Peters	3 anos

	Prof. <sup>a</sup> Maria Luiza Bernardes Nory	2 anos e 4 meses
	Prof. <sup>a</sup> Ester Eunice	10 anos
Particular	Educandário Coração de Maria	10 anos
	Oceu- Positivo	3 meses

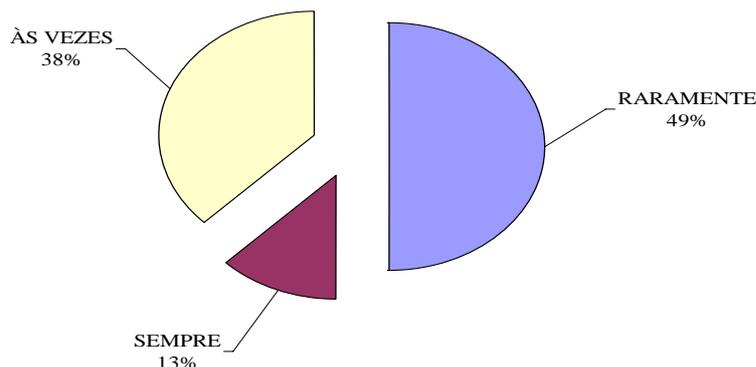
**13) Fez curso de aperfeiçoamento?**



**14) Caso a resposta anterior seja afirmativa, quando frequentou o último curso de aperfeiçoamento?**



**15) Com que freqüência os professores procuram retirar obras pertencentes à chamada literatura “clássico-erudita” ?**



**16) Justifique a resposta anterior.**

Não temos como responder essa pergunta, nosso contato maior é com o aluno, normalmente o professor retira o livro na biblioteca da escola (biblioteca pública municipal Prof. Sud Menuci).

Os professores que indicam clássicos aos seus alunos, fazem-no por conta de seus conhecimentos anteriores, não lêem no momento da indicação (biblioteca estadual Profª Anésia Vince Ferreira).

Eles procuram sempre estarem atualizados, ler não somente os clássicos, mas os livros da biblioteca do professor (biblioteca estadual Profª Maria Tereza Alves Viana).

Os professores não retiram as obras da biblioteca, talvez porque possuem as obras em casa (biblioteca estadual Prof. Adelino Peters).

Raramente retiram os livros na biblioteca, talvez por falta de costume e incentivo (biblioteca estadual Profª Ester Eunice).

Eles indicam os livros clássicos para os alunos, sendo assim, lêem a literatura clássica (biblioteca estadual Profª Maria Luiza Bernardes Nory).

Não respondeu (biblioteca particular Educandário Coração de Maria).

Não respondeu (biblioteca particular Oceu-Positivo).

17) Antes de indicar a leitura aos alunos, o professor confere com o auxiliar de biblioteca se há número suficiente de livros para atender os leitores’?

